

Juliano Pacheco Bitencourt

A VIRGEM MARIA NO ANO LITÚRGICO

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Curso de Teologia da
Faculdade Católica de Santa Catarina
para a obtenção do Grau de Bacharel
em Teologia.

Orientador: Prof. Esp. Wellington
Cristiano da Silva.

Florianópolis
2019

Ficha de identificação da obra elaborada com o auxílio da
Biblioteca Dom Afonso Nihues da FACASC

BITENCOURT, Juliano Pacheco

A Virgem Maria no Ano Litúrgico / Juliano Pacheco Bitencourt;
orientador Esp. Wellington Cristiano da Silva -
Florianópolis, SC, 2019.
85 p.

Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade Católica de
Santa Catarina. Curso Superior de Teologia.

Inclui referências:

1. Maria.
2. Ano Litúrgico.
3. Liturgia.

Juliano Pacheco Bitencourt

A VIRGEM MARIA NO ANO LITÚRGICO

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** e aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, 23 de Agosto de 2019.

Prof. Dr. Rafael Aléx Lima da Silva.
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Esp. Wellington Cristiano da Silva

Profª. Ma. Silvia Regina Nunes da Rosa Togneri
Faculdade Católica de Santa Catarina
Avaliadora

Prof. Dr. Rafael Aléx Lima da Silva.
Faculdade Católica de Santa Catarina
Avaliador

Dedico este trabalho a meu Pai,
Frederico Mendes de Bitencourt. (*In
memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelo chamado realizado em Cristo e pelas graças concedidas para bem atendê-lo, inclusive a conclusão deste Trabalho de Conclusão de Curso, pois eu nada faria se não fosse por Ele e por causa Dele. A Virgem Maria Santíssima, Mãe de Deus e nossa, pela poderosa intercessão e pelo acompanhamento nas horas difíceis.

A minha família, no qual estou unido por laços de sangue, de modo muito especial, a meus pais, Frederico Mendes Bitencourt (*In memoriam*) e Maria Pacheco Bitencourt pelo apoio e incentivo, e principalmente pelo amor que a mim foi e é oferecido. A meus irmãos Fabiana Pacheco Bitencourt e Eli Carlos Pacheco Bitencourt, que caminharam comigo. Agradeço também as minhas sobrinhas, Letícia, Paloma, Lívia e a Natacha, aos quais tenho carinho e estima.

A minha comunidade de origem, Carreira do Siqueiro, na qual tenho parentes e amigos e pessoas que me incentivam muito e que rezam pela minha vocação. As famílias, as pastorais, aos movimentos, apostolados e coordenações da comunidade, que me viram crescer na fé, e que auxiliaram meu despertar vocacional.

Também a Paróquia Nossa Senhora da Salete no Bairro Próspera Diocese de Criciúma ao qual fui enviado ao seminário, na pessoa do pároco Pe. Marcos Rech e vigário Pe. Manoel Odorico, em especial a comunidade Santa Rita de Cássia, em Presidente Vargas onde fui acolhido por todos.

A Igreja que está em Criciúma, casa segura na qual encontro abrigo. Ao bispo diocesano Dom Jacinto Inácio Flach pela presença paterna, bem como aos padres da Diocese, e de modo muito especial aqueles que me acompanharam em minha caminhada vocacional. Aos meus irmãos na fé da comunidade do Seminário teológico Bom Pastor, que caminham junto comigo, de modo particular ao reitor Padre José Aires e o quarto ano pelo incentivo e apoio.

Agradeço à senhora Tânia Antunes pelo apoio, pelas correções e incentivo, que a Virgem Maria confirme seus passos e guie sempre na fé em seu filho Jesus Cristo.

Minha gratidão, de modo muito especial, a meu orientador, Professor Pe. Wellington Cristiano da Silva, que aceitou a orientação e me acompanhou nesta jornada, pelas nossas conversas, e por partilhar da sua sabedoria. Obrigado.

O Anjo, porém, acrescentou: "Não temas, Maria!
Encontraste graça junto de Deus. Eis que
conceberás no teu seio e darás à luz um filho, e tu
o chamarás com o nome de Jesus será chamado
Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o
trono de Davi, seu pai; ele reinará na casa de Jacó
para sempre, e o seu reinado não terá fim".
(Lc 1,30-33)

RESUMO

O culto prestado a virgem Maria é evidente em toda a Igreja. Sua importante presença na caminhada dos cristãos é revelada através das diversas celebrações dedicadas a ela no decorrer do ano litúrgico. Diante disso, esta pesquisa busca compreender o lugar de Maria no ano litúrgico, identificando sua presença nos Ciclos do Natal, da Páscoa e no Tempo Comum. Também pretende demonstrar as principais características do culto mariano de modo a torná-lo mais autêntico, verdadeiro e eficaz. Por fim, serão apresentadas as celebrações marianas presentes em cada tempo vivenciado pela Igreja. Afinal, a Virgem Maria, por estar intimamente ligada ao mistério Pascal de seu filho, foi inserida no ciclo anual de celebrações.

Palavras-chave: Maria. Ano Litúrgico. Liturgia.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tabela dos dias litúrgicos segundo sua ordem de precedência.....	84
Quadro 2 – Solenidades e festas do Senhor que precedem o Domingo.....	82

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

At - Atos dos Apóstolos

Ap – Apocalipse

CELAM – Conselho Episcopal Latino Americano

DD – *Dies Domini*

Ef - Efésios

EM - *Ecclesia Mater*

Ex - Êxodo

Gn - Gênesis

Gl - Gálatas

ID - *Inefabilis Deus*

Is - Isaías

Jo - João

Lc - Lucas

LG - *Lumen Gentium*

MC - *Marialis Cultus*

Mt - Mateus

Rm - Romanos

RM – *Redemptoris Mater*

RV - *Rosarium Virginis*

SC - *Sacrosanctum Concilium*

SM - *Signum Magnum*

UR - *Unitatis Redintegratio*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1 PANORAMA HISTÓRICO DO DESENVOLVIMENTO DO ANO LITÚRGICO	21
1.1 O ANO LITÚRGICO	22
1.2 SENTIDO TEOLÓGICO DO ANO LITÚRGICO	24
1.3 CELEBRAÇÕES DO MISTÉRIO PASCAL DE CRISTO NO TEMPO	26
1.4 OS CICLOS DO ANO LITÚRGICO	30
1.4.1 Ciclo Pascal	31
1.4.2 Ciclo do Natal	34
1.4.3 Tempo Comum	36
1.4.4 Comemorações da Virgem Maria	37
2 AS CARACTERÍSTICAS DO CULTO MARIANO	40
2.1 CARACTERÍSTICAS CRISTOLÓGICAS	41
2.2 CARACTERÍSTICAS TRINITÁRIAS	43
2.3 CARACTERÍSTICAS BÍBLICAS	44
2.4 ORIENTAÇÕES LITÚRGICAS	47
2.5 ORIENTAÇÕES SOBRE ECUMENISMO	48
2.6 O CULTO MARIANO NA DEVOÇÃO POPULAR	51
2.6.1 O rosário	53
2.6.2 A Ave-Maria	56
3 A VIRGEM MARIA NO ANO LITÚRGICO	59
3.1 MARIA NO ADVENTO	60
3.2 MARIA NO TEMPO DO NATAL	63
3.3 MARIA NO TEMPO DA QUARESMA	64
3.4 MARIA NO TEMPO PASCAL	66
3.5 MARIA NO TEMPO COMUM	67
3.5.1 Festas e solenidades de Nossa Senhora no Tempo Comum	67
3.5.2 Memórias marianas obrigatórias	70
3.5.3 Memórias facultativas de Nossa Senhora	72
CONSIDERAÇÕES	76
REFERÊNCIAS	80
APÊNDICE A – Quadros	84

INTRODUÇÃO

A virgem Maria é venerada e amada por toda a Igreja. Desde seu sim amoroso dado na encarnação, ao longo de toda a vida de Jesus, inclusive as dores na cruz, e finalmente junto à missão dos apóstolos Maria apresenta-se como inspiração e exemplo de discípula. Esta presença tão importante na caminhada dos cristãos é revelada através das diversas celebrações no decorrer do ano litúrgico, em que a Virgem é lembrada como testemunha do mistério de seu Filho.

No entanto, é indispensável compreender o lugar da Virgem Maria no ano litúrgico, de modo que, promova-se o culto mariano de forma correta e de acordo com as orientações do magistério. Esse é o intento desta pesquisa de caráter bibliográfico. Para isso, esta pesquisa está dividida em três capítulos: panorama histórico do ano litúrgico; as características do culto mariano; a Virgem Maria no ano litúrgico.

Para identificar a presença da Virgem Maria no ano litúrgico é realizada inicialmente uma breve abordagem da formação histórica deste conceito que evoluiu ao longo de sua formação. Sua organização é demonstrada através dos Ciclos da Páscoa e Natal e também do Tempo Comum.

Utilizando-se de diversos autores, entre eles, Goedert e Adam, destaca-se o sentido teológico do Ano sagrado, bem como as celebrações dominicais que o santificam rememorando o evento Pascal. Dentro destes períodos serão constatadas as comemorações direcionadas a Virgem Maria, reforçando a relevância de sua presença nas celebrações da Igreja.

No ano litúrgico vivenciado por toda a Igreja, Maria participa de modo ativo na evangelização. Assim, os fiéis vivenciam os mistérios de Cristo ao longo do ano civil deparando-se também com as comemorações dedicadas a Virgem Maria. No desenvolvimento dos Tempos litúrgicos, isto é, no ciclo do Advento, ciclo do Natal, ciclo da Páscoa e principalmente no Tempo Comum, a mãe do Senhor é relemburada, exaltada e venerada.

Todavia, é preciso que este culto seja orientado e bem direcionado. Havendo assim um verdadeiro e correto culto mariano, sobretudo, de acordo com a sagrada liturgia. Por isso, o segundo capítulo demonstrará as características do culto mariano presente na Igreja. Seguindo as orientações da principal exortação mariana do magistério, a *Marialis Cultus*, destaca-se as propriedades do culto à Maria que deve ser sempre cristológico e trinitário.

Para uma melhor compreensão do culto mariano demonstrar-se-á a importância da fundamentação bíblica, os cuidados a respeito da liturgia, o caráter ecumênico e a devoção popular. Para isso recorre-se aos dicionários de Liturgia e Mariologia, bem como a grandes autores, entre eles, Murad e Lina Boff.

Por fim, após analisar a presença da Virgem ao longo do ano litúrgico e atento as orientações do magistério para um acertado e digno culto à Maria, o terceiro capítulo apresentará as celebrações marianas presentes em cada tempo vivenciado pela Igreja. De fato, são muitas as possibilidades de aprofundar o tema mariano, por exemplo, as ricas eucologias e as numerosas devoções populares. No entanto, esta pesquisa terá como foco apenas o espaço no Ano litúrgico dedicado às celebrações da Virgem Maria.

Assim, utilizando-se de diversas contribuições, sobretudo, do renomado autor Lira, as festas, as solenidades e memórias serão descritas conforme o tempo litúrgico em que são realizadas. Destacando-se o Tempo Comum onde há maior número de festas e solenidades de Nossa Senhora, bem como memórias obrigatórias e facultativas.

1 PANORAMA HISTÓRICO DO DESENVOLVIMENTO DO ANO LITÚRGICO

Para identificar a presença da Virgem Maria no ano litúrgico se faz necessário uma breve abordagem da formação histórica deste conceito. Também é preciso compreender seu sentido teológico pascal bem como as principais celebrações, a santificação do domingo e os ciclos do ano litúrgico. Após estas compreensões é possível destacar as celebrações da Virgem Maria associadas ao ano litúrgico vivenciado pela Igreja, pois ela também tem seu espaço na evangelização como primeira discípula. Compreende-se, portanto, que o culto a Maria possui um caráter cristológico e litúrgico.

O Ano litúrgico, marcado por suas diversas liturgias, é caminho para o encontro com Cristo, descobrindo seus mistérios e salvação. Através da liturgia o cristão compreende a história salvífica reunida e centrada em Cristo. A liturgia constitui a comunidade de fé. No mistério de Cristo, no qual a Igreja é a sua portadora, realiza-se a redenção de todos os homens e mulheres. Nela os fiéis são convidados a oferecer suas vidas como sacrifício de louvor, subordinando o humano ao divino, o visível ao invisível, buscando a realização plena em Jesus Cristo.

É no mistério salvífico que está inserida a liturgia, outrora, abordada nos aspectos estéticos (ritos, rubricas) e jurídicos (regulamentos de culto). O Concílio Vaticano II, por sua vez, resgatou seu sentido como participação ativa, consciente e plena dos cristãos. O Concílio enfatiza ainda as dimensões teológicas, espiritual e pastoral da liturgia, de forma que o Ano litúrgico, com seu tempo e celebrações específicas, conduza mais eficazmente para o encontro e mistério de Cristo.¹

Conforme a *Sacrosanctum Concilium* o objetivo principal da liturgia é edificar os cristãos que estão na Igreja, fortalecendo-os para a pregação de Cristo e para serem sinais aos que estão de fora, com o intuito de reunir os filhos dispersos até que haja um só rebanho e um só pastor.² Por isso, o capítulo V do documento conciliar é dedicado ao ano

¹ GOEDERT, Válder. M. **A constituição litúrgica do Concílio Vaticano II**. A *Sacrosanctum Concilium* a seu alcance. São Paulo: Ave-Maria, 2013. p. 12.

² CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. **Constituição Dogmática *Sacrosanctum Concilium***. In: COSTA, Lourenço (Org.). Documentos do Concílio Vaticano II (1962-1965). São Paulo: Paulus, 1997. p. 69; SC 102.

litúrgico, para uma maior compreensão de sua importância na revelação do mistério de Deus aos homens.

Na dinâmica do ano litúrgico, através de seus dias litúrgicos, inserem-se de modo organizado e hierárquico as festividades e memórias próprias.³ Entre elas insere-se o culto à Virgem Maria, pois ela está relacionada com os mistérios de Cristo e da Igreja, sendo venerada com amor peculiar, pois ela gerou o Filho unigênito do Pai para o mundo e se manteve fiel ao plano de Deus até o fim. Ela é testemunha da encarnação, da paixão, da morte e ressurreição de Jesus Cristo, por isso, é venerada ao longo da celebração do ciclo anual dos mistérios de Cristo.⁴

As menções marianas ao longo do ano litúrgico são destacadas nos textos do lecionário, missal (sobretudo nas eucologias), rituais dos sacramentos, sacramentais, no ofício divino das comunidades, liturgia das horas. São fontes precisas que evidenciam e fundamentam a espiritualidade mariana da Igreja.

Portanto, a Igreja encontra sua razão de ser no Mistério Pascal de Cristo, fonte central da salvação para toda humanidade. Este mistério revela-se pela ação litúrgica da Igreja que celebra com seus ritos, atualizando e tornando concreta a presença salvífica de Deus na história humana. Assim a liturgia da Igreja, ao longo do ano litúrgico e através do testemunho de Maria, evangeliza e aproxima os cristãos dos mistérios sagrados.

1.1 O ANO LITÚRGICO

O ano litúrgico pode ser descrito como o conjunto das celebrações com que a Igreja celebra anualmente os mistérios de Cristo. Ele é o calendário da Igreja e compreende o tempo e os dias que caracterizam a ação litúrgica da Igreja ao longo do ano. Nele se faz memória de todo o mistério da salvação. Ele é a experiência dos feitos do Senhor na vida da própria Igreja. É um tempo de profundo sentido, simbolismo religioso e de espiritualidade pascal.

Seguindo a mesma lógica do ano civil, isto é, em doze meses, o ano litúrgico da Igreja possui datas de início e fim diferentes. No ano civil os meses são contados sucessivamente até que se completem doze

³ No apêndice A encontra-se o quadro 1: Tabela dos dias litúrgicos segundo sua ordem de precedência.

⁴ CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 69; SC 103.

meses comemorando fatos do passado que não se repetem.⁵ No ano litúrgico, ao longo dos doze meses, além de comemorar se faz memória, atualizando e celebrando em tempos litúrgicos específicos a graça e a salvação. Conforme a *Sacrosanctum Concilium*, o ano litúrgico visa:

revela todo o mistério de Cristo, desde a encarnação e natividade até ascensão, o dia de Pentecostes, a expectativa da feliz esperança e vinda do Senhor. Lembrando destarte os Mistérios da redenção, franqueia aos fiéis as riquezas do poder santificador e dos mistérios de seu Senhor, de tal sorte que, de alguma forma, os torna presentes em todo o tempo, para que os fiéis entrem em contato com eles e sejam repletos da graça da Salvação.⁶

Ao longo da história eclesial a expressão ano litúrgico se consolidou, não sendo a única forma de expressão utilizada pelo magistério. Expressões como ano cristão, ano do Senhor, ano eclesiástico, ano da Igreja e ciclo litúrgico foram utilizadas para designar o ciclo anual da história de salvação. Na história da liturgia, o termo aparece pela primeira vez no culto luterano com o objetivo de distinguir a vida eclesial das atividades seculares dos comerciantes no século XVI.

No século XVI aparece a denominação ano da Igreja, atualmente ano litúrgico. No século XIX a expressão ano litúrgico será usada pelo Abade beneditino Francês Próspero Guèranger. O Papa Pio XII na encíclica *Mediador Dei* (1947) fez uso da expressão ano litúrgico pela primeira vez em um documento do magistério pontifício tornando-a expressão recorrente nos documentos oficiais. Sendo o único termo presente na constituição *Sacrosanctum Concilium*, e assim em todos os documentos posteriores à reforma litúrgica.⁷

O desenvolvimento histórico do ano litúrgico e sua organização é resultado de uma longa evolução que culminou com o Concílio Vaticano II. “O ano litúrgico na sua estrutura não é absoluto: é uma criação da Igreja, mas no seu conteúdo constitui a essência da própria fé

⁵ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). Manual de liturgia IV: a celebração do mistério pascal. São Paulo: Paulus, 2007. p.16.

⁶ CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 69; SC 102.

⁷ CELAM, 2007, p. 17.

da Igreja, o mistério de Cristo”.⁸ Compreender o ano litúrgico em sua estrutura, nos aspectos teológicos e sua história faz com que a celebração dos mistérios seja caminho para o encontro com Jesus Cristo e sua mensagem evangélica.

A estrutura do ano litúrgico tem início nas comunidades da era apostólica que se reuniam no primeiro dia da semana para celebrar a fração do pão (At 20,7ss). No século II já celebrava-se a Festa Anual da Páscoa. O Concílio de Nicéia, em 325, fixou a data da Páscoa. Depois de fixada a data da Páscoa do Senhor o calendário litúrgico romano foi se constituindo com festas litúrgicas próprias, algumas de caráter bíblico (Ascensão At 1,5; Pentecostes At 2, 1).⁹

A festa cristã, no entanto, tem características próprias: a primeira é ser sinal da presença do Senhor entre os seus; a segunda característica teológica está no valor prefigurativo e escatológico da festa eterna no céu; a terceira está relacionada à primazia da Palavra de Deus proclamada, narrada, explicada, celebrada e atualizada na ação ritual; a quarta característica das festas cristã é ter seu centro na celebração do memorial do Senhor, a Eucaristia.¹⁰

Dessa maneira, o ano litúrgico caracterizou-se como a organização dos dias em que celebra-se determinados acontecimentos da vida de Cristo, com acréscimo da recordação festiva dos santos, entre eles, a Santa Virgem Maria. O ano litúrgico foi desenvolvendo-se e crescendo ao longo da história e hoje se apresenta harmoniosamente para favorecer o itinerário cristão através das celebrações litúrgicas.¹¹

1.2 SENTIDO TEOLÓGICO DO ANO LITÚRGICO

⁸ BERGAMINI, A. Ano Litúrgico. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achile M. (Org.). **Dicionário de Liturgia**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1992. p. 58-63. p. cit. 58.

⁹ DERETTI, Edson A. **O ano litúrgico e as suas principais celebrações**: subsídio para coroinhas, acólitos, cerimoniários e demais fiéis celebrantes. São Paulo: Paulus, 2019. p. 12.

¹⁰ GOEDERT, 2013, p. 112.

¹¹ MARSILI, S. **Sinais do mistério de Cristo**. Teologia litúrgica dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 498.

O ano litúrgico tem por objetivo revelar o mistério de Cristo no decorrer do ano. Isto ocorre não apenas como recordação das ações do mestre, ou como renovação da lembrança de ações passadas, mas sua celebração tem força sacramental e especial eficácia. A Igreja, ao recordar os mistérios, torna presente tudo aquilo que Deus já fez pelos homens em Cristo e que hoje continua a se realizar pelo Espírito Santo na Igreja, também apresenta a resposta de fé esperada dos cristãos pela ao imitarem os passos de Cristo.¹² Por isso, o ano litúrgico não trata apenas de memórias ou a organização das celebrações, mas possui um caráter teológico e sacramental.

O ano litúrgico tem seu sentido fundamental em uma pessoa: Jesus Cristo. Seu mistério Pascal é celebrado pela Igreja ao longo dos dias do ano litúrgico. Fazendo memória, atualizando e celebrando a morte e ressurreição de Jesus, vive a Igreja no hoje a síntese do mistério da Salvação. Ele é sempre o princípio e o fim do ano litúrgico. Em Jesus Cristo e seu Mistério Pascal uma realidade temporal se transforma em realidade teológica e a Igreja é participante neste mistério.¹³ Por isso, o eixo fundamental do ano litúrgico é:

Jesus Cristo, em cuja morte e ressurreição está a síntese de toda a história da salvação. Por isso, ele é o centro, o sentido, o dinamismo interno e a meta final do ano litúrgico. Por meio dele, uma realidade meramente temporal transforma-se em uma realidade teológica fundamental na vida da Igreja.¹⁴

Nesta linha temporal, isto é, no hoje da Igreja, a visão profética da história da salvação parte de Cristo e termina em Cristo na sua eleição e redenção. De maneira geral, o objetivo do ano litúrgico é inserir no tempo da Igreja o tempo de Cristo, portanto, depende essencialmente de Cristo e Dele não pode ser separado.¹⁵

Nesse sentido, compreende-se o tempo da liturgia como o tempo da graça em que a Palavra de Deus se torna vida. O tempo litúrgico concentra todo o alcance da história da salvação, concretizado e fixado

¹² GOEDERT, 2013, p. 107-108.

¹³ DERETTI, 2019, p. 36.

¹⁴ CELAM, 2007, p. 18.

¹⁵ MARSILI, 2009, p. 498.

pela Palavra de Deus, vivido e celebrado ao longo do ano civil.¹⁶ Dessa forma, ao celebrar o mistério Pascal de Cristo na liturgia, brota a vida da Igreja e de cada cristão, pois tudo tem origem Nele e para Ele retorna.¹⁷

Por conseguinte, o tempo da Igreja deve ser considerado como tempo vinculado, de forma vital, ao tempo de Cristo, pois a salvação, realizada na carne de Cristo, mediante a Palavra e os sacramentos, se torna a salvação anunciada a todos os homens e mulheres. Por isso, os cristãos ao compreenderem as ações da Igreja voltadas para o mistério e acolherem a mensagem anunciada, vão constituir o corpo de Cristo que é a Igreja. A compreensão do plano de Deus na história como salvação através de Cristo ontem, hoje e pelos séculos, constitui algo fundamental e essencial para identificar o significado, o valor, a estrutura e a unidade intrínseca do ano litúrgico.¹⁸

Importante é a afirmação de Goedert a respeito do ano litúrgico. Para o ele o fundamento do ano cristão é Jesus Cristo, pois “Ele é o Senhor do tempo. Nele realizou-se o ano da graça e do Senhor. O tempo litúrgico, que é o tempo da Igreja, nasce do mistério pascal de Cristo e se desdobra até o fim dos tempos”.¹⁹

Portanto, o ano litúrgico indica na história da salvação o que caracteriza a fé cristã, o fato de Deus ter entrado na história humana. Este é o aspecto teológico do ano litúrgico, por isso, seu centro está na celebração do mistério Pascal de nosso Senhor Jesus Cristo, celebrado nas comunidades ao longo da semana e por todo o ano, destacando-se as celebrações que santificam o domingo.

1.3 CELEBRAÇÕES DO MISTÉRIO PASCAL DE CRISTO NO TEMPO

No ritmo diário, a Igreja celebra e faz memória de Jesus Cristo. Santifica as horas do dia celebrando o ofício divino pela manhã, evoca o mistério da ressurreição, o novo dia para a humanidade. Pela tarde, o sol poente recorda a morte, na esperança da ressurreição. Ao anoitecer à espera vigilante da volta do Senhor. Dessa maneira, todos os dias são

¹⁶ BERGAMINI, 1992, p. 58.

¹⁷ GOEDERT, 2013, p. 22.

¹⁸ BERGAMINI, 1992, p. 60.

¹⁹ GOEDERT, 2013, p. 12.

santificados pelas celebrações litúrgicas do povo de Deus, principalmente pela Santa missa.²⁰

O ritmo semanal das celebrações é marcado pelo primeiro dia de cada semana, o domingo, também chamado dia do Senhor. Por uma tradição, desde o tempo apostólico, o domingo é o dia da ressurreição de Cristo. Nele a Igreja celebra o mistério Pascal. Por este motivo, o domingo deve ser considerado o principal dia de festa. O Conselho Episcopal Latino Americano (CELAM) destaca a importância e centralidade do domingo no tempo litúrgico:

O domingo, dia que se repete com regularidade exata a cada sete dias, constitui a estrutura portadora do tempo litúrgico e uma instituição tipicamente cristã. É o dia do Senhor, o oitavo dia, o dia da ressurreição de Cristo. Sobre a trama dos cinquenta e dois domingos do ano solar são tecidos os tempos celebrativos e as festas particulares. Os dias da semana se encontram no ano litúrgico a partir do domingo, primeiro dia, seguindo com isso a indicação bíblica da ressurreição, ocorrida no primeiro dia da semana judaica, que culminava no dia de descanso, o sábado.²¹

Diante disso, a Igreja celebra em cada domingo, a páscoa semanal, tornando presente o acontecimento maior da fé cristã, o dia em que o Senhor Jesus venceu o pecado e a morte. O domingo cristão é um dia festivo, totalmente iluminado pela glória do ressuscitado. Neste dia, celebra-se a nova criatura resgatada pelo sacrifício de Jesus.²² Embora o domingo seja um dia principal de festa, dia da alegria, ele também é um dia dedicado ao repouso, onde deve ser favorecido o descanso.²³

De suma importância é o domingo, pois trata-se da Páscoa semanal que evoca e torna presente o dia em que Cristo ressuscitou dos mortos e revela o sentido do tempo. Não se refere ao tempo humano ou cósmico, transcende este tempo natural e remete o cristão ao tempo da

²⁰ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Missal Romano**. 14. ed. São Paulo: Paulus, 2010. p. 101.

²¹ CELAM, 2007, p. 30.

²² JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica *Dies Domini***. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 11; DD 8.

²³ CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 70; SC 106.

Parusia, segunda vinda de Cristo, de algum modo antecipado na Ressurreição do Senhor.²⁴

A celebração dos mistérios Pascais realizada no domingo retratam os acontecimentos de salvação sobre os quais se fundamenta a vida da Igreja. Este dia sagrado, está por desígnio de Deus, relacionado com as festas anuais dos judeus, a Páscoa e o Pentecostes. A partir do século segundo, a celebração feita pelos judeus da Páscoa anual, se juntou à celebração da Páscoa semanal dos cristãos, permitindo uma maior amplitude à meditação do mistério de Cristo morto e ressuscitado.²⁵

A celebração e santificação dominical evocam também gratidão pela criação, mais ainda, emanam a esperança da vinda do Senhor. Este é o motivo pelo qual a Igreja comemora não só uma vez ao ano, mas em cada domingo, o dia da ressurreição de Cristo. Ela deseja indicar a cada geração aquilo que constitui o eixo fundamental da história, ao qual faz referência o mistério das origens em Jesus e o do destino final que também é voltado ao Senhor.²⁶

Conforme a *Sacrossantum Concilium*, o domingo é o fundamento e centro de todo ano litúrgico, por isso, os fiéis tem o dever de reunir-se para participar na Eucaristia e ouvirem a Palavra de Deus neste dia. Diante disso, o magistério exorta:

O domingo é pois o principal dia de festa que deve ser lembrado e inculcado à piedade dos fiéis: seja também o dia da alegria e da abstenção de trabalho. As outras celebrações não lhe sejam antepostas, a não ser as de máxima importância, porque o domingo é o fundamento e o núcleo do ano litúrgico.²⁷

Por esta causa, as Normas Gerais determinam que o domingo só ceda sua celebração às solenidades e festas do Senhor.²⁸

²⁴ JOÃO PAULO II, 2005, p. 82; DD 75.

²⁵ MARSILI, 2009, p. 492-493.

²⁶ JOÃO PAULO II, 2005, p. 4; DD 2.

²⁷ CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 70; SC 106.

²⁸ Estas solenidades estão descritas no apêndice A - Quadro 2: Solenidades e festas do Senhor que precedem o Domingo.

Contudo, os domingos do Advento, da Quaresma e da Páscoa gozam de precedência sobre todas as festas do Senhor e todas as solenidades devido a importância do Tempo vivenciado. As solenidades que ocorrerem nestes domingos sejam antecipadas para o sábado.²⁹

O domingo possui grande importância como celebração, memória pascal e descanso. A comunidade cristã descobre nele a essência da fé e da vida centrada na Páscoa do Senhor. Este é o dia mais importante, pois nele “o cristão é chamado a lembrar-se da salvação que lhe foi oferecida no batismo e que o tornou homem novo em Cristo”.³⁰ Desta forma, através da celebração dominical recordam a Paixão, Ressurreição e glória do Senhor Jesus e rendem graças a Deus por todas as suas maravilhas.

Portanto, o domingo é fundamental para se compreender e celebrar as solenidades do ano litúrgico, cujo valor espiritual para a existência cristã é tão grande que a Igreja decidiu sublinhar a sua importância, impondo aos fiéis a obrigação de participar na Missa e observar o descanso, mesmo quando coincidem em dia de semana. O “número das solenidades e festas foi variando ao longo das diferentes épocas, tendo em conta as condições sociais e econômicas, o fortalecimento delas na tradição, e ainda o apoio da legislação civil”.³¹

Para Goedert, dois foram os temas que influenciaram na organização do ano litúrgico: primeiro o protagonismo de Jesus Cristo com sua vida e obras; por segundo a imitação de Cristo na necessidade de os cristãos se conformarem e serem conformados com Ele. Deste modo, há uma conexão profunda entre a vida sacramental dos cristãos e a vivência do ano litúrgico.³²

Assim, o mistério de Cristo, distribuído ao longo do ano, percorre um longo caminho, desde a Encarnação e Nascimento à Ascensão e Pentecostes. Recordando os mistérios da Redenção são oferecidas aos fiéis as riquezas das obras e merecimentos do Senhor de modo que encham-se de graça.³³

²⁹ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2010, p. 102.

³⁰ JOÃO PAULO II, 2005, p. 28; DD 25.

³¹ JOÃO PAULO II, 2005, p. 86; DD 79.

³² GOEDERT, 2013, p. 112.

³³ CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 69; SC 102.

Através destes ciclos, que constituem o ano litúrgico, a Igreja considera seu dever celebrar, em determinados dias do ano, a memória sagrada da obra de salvação do seu divino Esposo. Estas celebrações são importantes, pois imprimem ritmo a vida espiritual de todos os cristãos, propiciando abertura à oração, aprofundamento do mistério e vivência fraterna dos ensinamentos de Cristo através da Igreja.

1.4 OS CICLOS DO ANO LITÚRGICO

O ritmo semanal, destacando-se nele o domingo, juntamente com as demais celebrações está inserido no ritmo anual do ano litúrgico que é composto basicamente de dois grandes ciclos: O ciclo da Páscoa e o ciclo do Natal. Esses dois grandes ciclos não comportam todo o período dos doze meses do ano. Entre o tempo litúrgico do Natal e o início da quaresma e entre Pentecostes e o primeiro domingo do Advento, no ano litúrgico vivencia-se o Tempo Comum.

Os dois grandes ciclos intercalados pelo Tempo Comum buscam através de suas celebrações e festividades recordar a salvação de Deus disposta ao seu povo através de seu filho Jesus. De fato, é próprio dos seres humanos celebrarem e comemorarem dias específicos associando à repetição das datas e das estações a lembrança de acontecimentos importantes do passado.³⁴ Do mesmo modo, a Igreja busca rememorar estes importantes acontecimentos da história da salvação de Deus para com os homens através do ano litúrgico.

O ciclo da Páscoa ou Pascal tem como ponto central o tríduo pascal que culmina na Páscoa do Senhor. Esse ciclo destaca a Quaresma como tempo de preparação para a Páscoa do Senhor, e, se estende até a festa de Pentecostes. Separados pelo Tempo Comum, o ciclo do Natal tem início com o primeiro domingo do advento. Em quatro semanas preparamo-nos para a grande festa do Natal prolongando esse tempo até a festa do Batismo do Senhor. Após, inicia-se a primeira parte do Tempo Comum no ano litúrgico.³⁵

O autor Adam faz uma analogia muito interessante para explicar o desenvolvimento do ano litúrgico:

O ano litúrgico foi comparado ao edifício de uma catedral, por causa da relação mútua de suas

³⁴ JOÃO PAULO II, 2005, p. 83; DD 76.

³⁵ CELAM, 2007, p. 25.

partes: o ciclo das festas pascais formaria a nave central, o natal representaria o átrio, enquanto as festas dos santos funcionariam como uma coroa de capelas situada ao longo das naves laterais. Mas nesta comparação não se deve esquecer que em todas as celebrações litúrgicas, em última análise, é o mistério pascal de Cristo que se comemora, e que o Senhor glorificado, que se despojou de si mesmo, entregando-se por nós ao Pai na obediência até à morte de cruz, torna-se presente e atuante em sua comunidade.³⁶

O tempo litúrgico na Igreja é um momento do grande ano da redenção inaugurado por Cristo e todo ano litúrgico é uma linha temporal que retrata a própria história da salvação. Através dos ciclos e suas principais celebrações ocorre a interiorização do mistério de Cristo.³⁷

Portanto, o ano litúrgico reúne o ciclo das celebrações anuais da Igreja, e nelas atualiza o mistério salvífico de Cristo no tempo. Apresenta-se a seguir os ciclos que estruturam o ano litúrgico da Igreja. Demonstrando que o ano litúrgico além de recordar as ações de Jesus Cristo, é um sinal de Salvação.

1.4.1 Ciclo Pascal

O ciclo Pascal é o centro do ano litúrgico e compreende a quaresma iniciada como a Quarta-feira de Cinzas e termina antes da missa da Ceia do Senhor na quinta-feira santa. Com a celebração da missa na quinta-feira dá-se início ao sagrado tríduo Pascal, seguido da santa Páscoa e Pentecostes.

A celebração da Páscoa requer um período de preparação, isto é, a quaresma, como tempo que precede e predispõe esta celebração. É um Tempo de escuta da Palavra de Deus, de conversão, de preparação, de memória do batismo do Senhor, de reconciliação com Deus e com os irmãos, de prática da oração, do jejum, da esmola.³⁸ Este tempo orante e

³⁶ ADAM, A. **O ano litúrgico**. Sua história e seu significado segundo a renovação litúrgica. São Paulo: Paulinas, 1982. p. 36.

³⁷ BERGAMINI, 1992, p. 60.

³⁸ CELAM, 2007, p. 32.

de recolhimento dedicado a preparação da Páscoa é uma prática presente desde o início da Igreja:

Por ocasião da celebração da Páscoa, desde o século II os cristãos dedicavam-se ao jejum, à oração e às obras de caridade. No século IV já constatamos um período de quarenta dias, alusão aos quarentas dias de jejum de Moisés no Monte Sinai (Ex 34,28), aos quarenta dias do profeta Elias caminhando pelo deserto até o monte Horeb (1 Rs 19,8), aos quarenta anos de peregrinação do povo de Israel pelo deserto e, ainda, aos quarenta dias de jejum de Jesus (Lc 4, 1-2), chegando assim, à Quaresma dos cristãos.³⁹

No tempo Quaresmal ponham-se em maior realce, tanto na Liturgia como na catequese litúrgica, os dois aspectos característicos deste tempo quaresmal: recordação do batismo e a penitência. “Os fiéis são motivados a ouvir com mais frequência a Palavra de Deus e dar-se à oração com mais insistência, para a celebração do mistério pascal”.⁴⁰

Nesse Tempo a cor litúrgica própria é o roxo que remete a penitência e a mudança interior. Na liturgia da Igreja não se canta o hino de louvor e não se pronuncia o “aleluia”. Estes voltam a ser entoados, rezados intensamente somente e após a noite santa da Vigília Pascal. Exceção dada à liturgia da Missa da Ceia do Senhor de quinta-feira santa, nela canta-se o “glória”.⁴¹

Transcorrido os dias quaresmais inaugura-se o tríduo Pascal com a missa vespertina da Ceia do Senhor recordando a instituição da Eucaristia e também o exemplo de Jesus que lavou os pés de seus discípulos. Nesta celebração, além do lava-pés, se faz o traslado do Pão Eucarístico consagrado para um lugar reservado e digno para a comunhão dos fiéis no dia seguinte. Dá-se início a Sexta-feira da paixão, por isso, a liturgia termina sem os ritos finais e a Igreja se põe em oração vigiando o Senhor diante da sua agonia.⁴²

Na sexta-feira Santa é feita a adoração da cruz de Jesus Cristo, fonte de salvação, santificando este dia pelo jejum pascal. A Igreja em

³⁹ GOEDERT, 2013, p. 114-115.

⁴⁰ CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 71; SC 109.

⁴¹ CELAM, 2007, p. 32.

⁴² ADAM, 1982. p. 66.

sua Sagrada Liturgia sugere a celebração às três horas da tarde, a hora da morte de Jesus. A Igreja, seguindo uma antiquíssima tradição, neste dia não celebra a Eucaristia. A sagrada Comunhão é distribuída aos fiéis durante a celebração da paixão do Senhor; aos doentes, impossibilitados de participar desta celebração, pode-se levar a Comunhão a qualquer hora do dia.

A liturgia é dividida em três partes: celebração da Palavra seguida da Oração Universal, adoração da cruz e comunhão. Em seguida recorda-se ao povo o jejum, o silêncio e a oração até a vigília onde se celebrará a ressurreição do Senhor.⁴³

Durante o dia todo Sábado santo a Igreja em tom silencioso contempla o mistério de Cristo, meditando sua paixão e sua morte, sua descida à mansão dos mortos esperando na oração e no jejum sua ressurreição. O Sábado é o dia em que experimentamos o vazio e também um dia de meditação e silêncio. Neste dia se celebra apenas a liturgia das horas diante da cruz de Cristo.⁴⁴

A Vigília Pascal na noite do Sábado santo irrompe o Tempo Pascal. Agora sim, canta-se festivamente o Glória e o solene aleluia, silenciados desde o início da Quaresma. Ela é a mãe de todas as vigílias. Toda a Igreja espera a Ressurreição de Cristo. Essa vigília é a celebração principal do ano litúrgico, ela sintetiza todo o mistério da salvação em Cristo e a participação de todos os homens e mulheres no mistério Dele, por isso tem um simbolismo peculiar e próprio:

A vigília pascal abre o terceiro dia do tríduo e o dia máximo da festa do ano litúrgico. É uma celebração repleta de símbolos: o fogo do incenso; o círio aceso nesse fogo e levado em procissão até o templo enquanto se canta a aclamação 'luz de Cristo'; o precônio pascal, obra mestra da literatura litúrgica; a extensa liturgia da palavra, que percorre toda a história da salvação; a celebração da iniciação cristã. Se há: a renovação das promessas batismais acompanhada da aspersão com água benta; e, finalmente, a eucaristia, que mais que nenhuma outra do ano é

⁴³ CELAM, 2007, p. 34.

⁴⁴ ADAM, 1982, p. 70.

memória agradecida pelo mistério pascal de cristo.⁴⁵

Diante disso, o Tempo Pascal compreende os cinquenta dias entre o Domingo da Páscoa da Ressurreição e o Domingo de Pentecostes. Os primeiros oito dias deste período são chamados oitava de Páscoa e são celebrados como solenidade do Senhor. A festa da Ascensão do Senhor é celebrada no Brasil no sétimo Domingo do Tempo pascal. Esta festa litúrgica está relacionada com a experiência que os apóstolos fizeram do Ressuscitado naqueles dias que se sucederam o domingo da ressurreição.

A semana que antecede Pentecostes é dedicada à Semana de Oração pela Unidade dos cristãos e marcada pela preparação para a vinda do Espírito Santo o grande dom do Ressuscitado e criador do novo Israel que agora se configura como a Igreja de Jesus Cristo, nascida na Páscoa.⁴⁶

1.4.2 Ciclo do Natal

O ciclo do Natal também exige um tempo de preparação denominado tempo do Advento. Este por sua vez, é formado por quatro domingos que tem como característica a alegria e piedosa gratidão a Deus que ama e se encarna para a salvação de todo povo. Possui dois sentidos principais: preparar para as solenidades do Natal onde se comemora a vinda do Senhor e também volta-se para a expectativa escatológica, a segunda vinda de Jesus.⁴⁷

A celebração mais solene depois da Páscoa e do Pentecostes é, sem dúvida, o Natal do Senhor, quando os cristãos meditam o mistério da Encarnação e contemplam o Verbo de Deus que Se digna assumir a nossa humanidade para nos tornar participantes da sua divindade.⁴⁸

⁴⁵ CELAM, 2007, p. 35.

⁴⁶ BECKHAUSER, Alberto. **Viver em Cristo: espiritualidade do ano litúrgico**. Petrópolis: Vozes, 1992. p. 124.

⁴⁷ ADAM, 1982, p. 132.

⁴⁸ JOÃO PAULO II, 2005, p. 84; DD 77.

Na expectativa da chegada do Senhor, apresentam-se três personagens bíblicas que ajudam a viver bem este período de preparação para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo:

João Batista, o maior de todos os profetas, homem de penitência, desapegado e de absoluta fidelidade ao projeto de Deus. Elias, o profeta da esperança que anuncia o reinado de paz do Senhor entre as nações. E a terceira pessoa é Maria, a Mãe do Senhor, que nos ensina a ternura do acolhimento da vontade do Senhor.⁴⁹

O tempo do Advento em preparação para o Natal é um momento de graça que Deus concede para a nossa salvação, com João Batista somos estimulados a preparar os caminhos do Senhor.

O tempo do Advento começa com as primeiras vésperas do domingo mais próximo ou que coincida com o dia trinta de novembro, terminando antes das vésperas do Natal. Neste ciclo três cores litúrgicas auxiliam na pedagogia do tempo: o roxo simbolizando penitência e serenidade; o róseo anunciando a feliz expectativa do Senhor que vem; e o branco lembrando a pureza, vitória e a alegria.⁵⁰

Da véspera do Natal do Senhor até a festa do seu batismo, a Igreja celebra a troca de dons entre o céu e a terra, participando da divindade daquele que uniu ao Pai a humanidade. A salvação entra definitivamente na história humana através do menino que nasceu em Belém, por isso, a este tempo do Natal a liturgia é voltada para a apresentação do Senhor a humanidade:

No Natal Jesus Menino é manifestado aos pastores (Lc 2,8-12). Na oitava do Natal é apresentado no Templo, e reconhecido publicamente por Simeão e Ana como o Salvador (Lc 2,25-38). Por ocasião da Epifania, Jesus é apresentado aos magos, representando todos os povos (Mt 2,1-12). No batismo no rio Jordão, o Pai e o Espírito apresentam-no como o messias (Mt 3,13-17).⁵¹

⁴⁹ GOEDERT, 2013, p. 125.

⁵⁰ ADAM, 1982, p. 131.

⁵¹ GOEDERT, 2013, p. 126-127.

A noite santa de Natal é a festa que antecipa e prepara a própria noite de Páscoa. Na encarnação está o germe do mistério da ressurreição, portanto, o Natal é iluminado pela luz da ressurreição. O Verbo feito homem é a luz que nos leva ao conhecimento de Deus. No mistério do Natal a Igreja contempla o fato de Deus possibilitar à humanidade a participação na vida divina por meio da filiação adotiva que Jesus nos concedeu, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher para que todos recebam a dignidade de filhos.⁵²

Diante disso, no Natal se faz memória da vinda salvífica do Senhor, da sua manifestação na fragilidade de nossa carne, na contingência e contradições de nossa história, enquanto aguardamos seu novo Natal, seu Reino, sua vinda definitiva e gloriosa no fim dos tempos.

1.4.3 Tempo Comum

O restante do ano litúrgico, percorrido o Ciclo do Natal e Pascal, denomina-se Tempo Comum, isto é, os demais dias ao longo do ano, excetuando-se estes Tempos. Compõe-se de trinta e três ou trinta e quatro semanas, divididas entre Natal e Quaresma e também entre Pentecostes e Advento.

O Tempo Comum tem sua particular importância, por ser o tempo mais antigo da organização do ano cristão:

Trata-se de um tempo caracterizado pelo domingo, por sua teologia, por sua espiritualidade. Não é o caso de substituí-los por temas diferentes, embora algumas solenidades sejam transferidas para domingos. Estas solenidades ou acontecimentos vividos nos domingos terão que ajudar a celebrar o mistério pascal do domingo.⁵³

Neste período a Igreja celebra algum aspecto particular do mistério de Cristo em sua plenitude: o que Cristo fez e disse para nossa salvação, sua pregação, seus sinais, sua morte e ressurreição. O Tempo Comum volta-se para as festas do Senhor não pertencentes aos dois grandes ciclos festivos. São quatro solenidades neste Tempo Comum:

⁵² CELAM, 2007, p. 38.

⁵³ BECKHAUSER, 1992, p. 164.

Santíssima Trindade, *Corpus Christi*, Sagrado Coração de Jesus e Cristo Rei.⁵⁴

A solenidade de Cristo Rei do Universo datada da segunda década do século XX, pela reforma litúrgica do Concílio Ecumênico Vaticano II foi fixada para o último domingo do Tempo Comum. Esta solenidade indica para a Igreja o reconhecimento da realeza de Cristo. Aprofundando a realeza de Cristo e o tema da Parusia.⁵⁵ Com a solenidade de Cristo Rei do Universo encerra-se o Tempo Comum e inicia-se um novo ano na liturgia da Igreja.

Desde modo, através das celebrações do Tempo Comum, a Igreja recorda nos acontecimentos cotidianos da vida e da caminhada de Jesus, o mistério maior e divino presente no dia-dia da vida dos cristãos. Deus está presente em todos os acontecimentos, é Ele que chama e convida ao seguimento de Jesus. Assim, em cada celebração litúrgica, em todos os ciclos e tempos solenes do ano litúrgico, Deus envia os fiéis como testemunhas das realidades celebradas.

1.4.4 Comemorações da Virgem Maria

No ciclo anual, a Igreja, celebrando o mistério de Cristo, venera também com particular amor a Santa Virgem Maria, mãe de Deus. Os fiéis que celebram a Palavra de Deus são convidados a aprenderem com Maria a alegria da Ressurreição e a fidelidade como seguidora de Jesus. Assim, as festas e solenidades marianas auxiliam na caminhada cristã, pois “domingo a domingo, o povo peregrino segue o rasto de Maria, e a sua intercessão materna torna particularmente intensa e eficaz a oração que a Igreja eleva à Santíssima Trindade”.⁵⁶

No decorrer do ano litúrgico, há três tipos de celebrações marianas: as solenidades, as festas e as memórias. A festa é um pouco mais solene que a memória: possui Laudes e vésperas próprias com antifonas, salmos, leituras e resposos breves inspirados na temática da festa celebrada. A memória é o tipo mais simples de comemoração, a sua forma é singela, pois consta de, apenas, uma menção ao santo celebrado. Por sua vez, a solenidade é celebrada com o máximo grau

⁵⁴ ADAM, 1982, p. 164.

⁵⁵ BECKHAUSER, 1992, p. 163.

⁵⁶ JOÃO PAULO II, 2005, p. 92; DD 86.

litúrgico as principais verdades dogmáticas que se referem à humilde Serva do Senhor.⁵⁷

As solenidades, como o nome indica, constituem as celebrações de maior importância.

As solenidades são constituídas pelos dias mais importantes, cuja celebração começa no dia precedente com as Primeiras Vésperas. Algumas solenidades são também enriquecidas com uma Missa própria para a Vigília, que deve ser usada na véspera quando houver Missa vespertina.⁵⁸

Na liturgia da Igreja há quatro solenidades dedicadas a Virgem Maria: Santa Maria, mãe de Deus (1º de Janeiro), a Anunciação do Senhor (25 de Março), a Assunção (15 de Agosto) e a Imaculada Conceição (8 de Dezembro).⁵⁹ No Brasil, também se celebra, com valor de solenidade, Nossa Senhora da Conceição Aparecida (12 de outubro), a padroeira do país.

No calendário litúrgico universal destacam-se as festas marianas: a visitação (31 de Maio) e o nascimento de Maria (8 de Setembro). Na América Latina, a memória de Nossa Senhora de Guadalupe (12 de dezembro) se tornou festa, pois ela foi proclamada padroeira do continente.⁶⁰

Além destas festas e solenidades, no decorrer do ano litúrgico celebram-se memórias marianas, a saber: Nossa Senhora de Lourdes (11 de fevereiro), Nossa Senhora do Monte Carmelo (16 de julho), Dedicção da basílica de Santa Maria Maior (5 de agosto), Santa Maria Rainha (22 de agosto), Nossa Senhora das Dores (15 de setembro), Virgem do Santo Rosário (7 de outubro), Apresentação de Maria no templo (21 de novembro), Maria Mãe de Deus (Após Pentecostes) por fim, o Coração Imaculado de Maria no sábado seguinte ao Sagrado

⁵⁷ LIRA, Bruno C. **A Virgem Maria no Ano Litúrgico**. São Paulo: Paulinas, 2018. p. 123-124.

⁵⁸ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2010, p. 102.

⁵⁹ MURAD, 2012, p. 211.

⁶⁰ CARPANEDO, Penha. A mãe do Senhor no Ano Litúrgico. In: GUIMARÃES, Valdivino (Org.). **Maria na liturgia e na piedade popular**. São Paulo: Paulus, 2017. p. 59-68. p. cit. 63.

Coração de Jesus.⁶¹ Entre estas memórias apresentadas no calendário romano algumas são obrigatórias e outras opcionais. Elas buscam retratar os principais episódios da vida de Maria, em conceitos teológicos ou lugares de veneração.

Deste modo, ao apresentar de forma breve a história do ano litúrgico com sua estrutura, identifica-se que o culto mariano está inserido ao longo das celebrações. A celebração da fé ocorre de maneira organizada através dos Ciclos do Natal, da Páscoa e do Tempo Comum proporcionando harmonia e unidade em toda a Igreja.

Em todos esses tempos litúrgicos a centralidade é o mistério de Jesus, Porém, isso não impede que as comemorações dos santos, principalmente as da Virgem Maria, sejam destacadas e bem celebradas. Maria é inspiração e ponte para compreensão do plano divino de Salvação de Deus, no entanto, o culto prestado a ela deve seguir algumas recomendações essenciais. Para que seja melhor compreendido o seu lugar ao longo do ano litúrgico e bem vivenciada a prática mariana junto a liturgia é importante conhecer as principais características.

⁶¹ CELAM, 2007, p. 70.

2 AS CARACTERÍSTICAS DO CULTO MARIANO

O ano litúrgico, como vivência dos mistérios de Cristo ao longo do ano civil, destaca-se ao incluir as comemorações da Virgem Maria. No desenvolvimento dos Tempos litúrgicos, isto é, no Natal, na Páscoa e principalmente no Tempo Comum, a mãe do Senhor tem seu espaço na evangelização como primeira discípula.

Desse modo, é necessário demonstrar as características o culto mariano presente na vida Igreja, com seus critérios e objetivos essenciais especificados na encíclica *Marialis Cultus*. Maria se apresenta como eficaz instrumento de oração e evangelização, sobretudo, na liturgia. No entanto, a piedade popular e as expressões devocionais possuem seu valor, de forma que bem orientados podem contribuir no crescimento da fé cristã de forma plena e mais verdadeira.

Ao celebrar o mistério pascal de Cristo durante o ano litúrgico, tem-se a participação da Santíssima Virgem Maria que ocupa um lugar especial no plano de Deus na história da salvação. Quando se trata do ano litúrgico a *Sacrossanctum Concilium* afirma a presença de Maria como laço indissolúvel à obra de salvação de seu filho:

Na celebração desse ciclo anual dos mistérios de Cristo, a Santa Igreja venera com amor especial a Bem-aventurada Mãe de Deus, a Virgem Maria, unida com laço indissolúvel à obra salvífica de seu filho; a Igreja admira e exalta o fruto mais esplêndido da redenção e a contempla gozosamente como uma puríssima imagem do que ela mesma, por completo, deseja a espera ser.⁶²

De fato, Maria é exaltada por graça do Senhor e colocada acima de todos os anjos e homens como mãe santíssima de Deus. Ela, ao tomar parte nos mistérios de Cristo, é com razão venerada pela Igreja com culto especial. Foi, sobretudo, a partir do Concílio do Éfeso que o culto do Povo de Deus para com Maria cresceu admiravelmente, na veneração e no amor, na invocação e na imitação, confirmando a profecia sagrada de que todas as gerações a proclamariam bem-aventurada (Lc 1,48).

O documento conciliar *Lumen Gentium*, ao refletir sobre a Igreja, reconhece a grande expressão do culto mariano dedicando o capítulo oitavo a bem-aventurada Virgem Maria mãe de Deus. De maneira geral,

⁶² CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 69; SC 103.

afirma-se neste capítulo que a Igreja deve constantemente assemelhar-se à Maria. Ela ao gerar o Cristo, concebido por ação do Espírito Santo, torna-se sinal de esperança, caridade e de acolhimento pleno da vontade de Deus. Assim, as diversas formas de piedade para com a Mãe de Deus, possuem a virtude de fazer com que, honrando a mãe, melhor se conheça, ame e glorifique o Filho.⁶³

No entanto, a veneração e exaltação mariana tão diversificada, que lhe são atribuídas com razão e dignidade, devem ocorrer na Igreja de forma ordenada. Desse modo, o papa Paulo VI determinou alguns critérios importantes para que a o culto mariano expresse de forma mais sólida a piedade para com a mãe de Deus. Antes de tudo, nas “expressões do culto mariano se dê relevo especial ao aspecto cristológico e se envidem esforços para que reflitam o plano de Deus”,⁶⁴ também acentua as características trinitárias e orienta a questões de ordem bíblica, litúrgica e ecumênica.

Diante disso, serão demonstradas as principais características do culto mariano, identificando as orientações do magistério para uma vivência mais adequada do culto mariano em sintonia com o ritmo do ano litúrgico e suas celebrações tão singulares.

2.1 CARACTERÍSTICAS CRISTOLÓGICAS

Maria entrou na história da salvação, de modo tão profundo que reúne e reflete em si os valores mais altos da fé. Por isso, é importante a sua veneração na liturgia e nas diversas expressões de fé, como autêntica testemunha e discípula de Jesus, não em função dela mesma, mas deriva da abundância dos méritos de Cristo, funda-se na Sua mediação e dela depende inteiramente, haurindo aí toda a sua eficácia.⁶⁵ Consequentemente, o culto mariano deve ser sempre cristológico, de modo que ao exaltar-se e venerar-se a Virgem, os fiéis sejam atraídos para o Filho de Deus, ao Seu sacrifício e ao amor do Pai.⁶⁶

⁶³ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. **Constituição Dogmática *Lumen Gentium***. In: COSTA, Lourenço (Org.). Documentos do Concílio Vaticano II (1962-1965). São Paulo: Paulus, 1997. p. 190; LG 66.

⁶⁴ PAULO VI. **Exortação Apostólica *Marialis Cultus***: sobre o desenvolvimento do culto à bem-aventurada Virgem Maria. Brasília: CNBB, 2016. p. 32; MC 25.

⁶⁵ CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 186; LG 60.

⁶⁶ CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 189; LG 65.

A plenitude da encarnação, permitida pelo sim de Maria, revelou o amor de Deus pelo ser humano através de Jesus Cristo.⁶⁷ Assim, contemplar o rosto de Maria é contemplar a face de Cristo, pois a contemplação de Cristo tem em Maria o seu modelo insuperável. O sim de Maria, escolhida e destinada a ser Mãe de Cristo, é fundamental para a realização dos desígnios salvíficos de Deus a respeito da humanidade. Há uma unidade intrínseca entre a mãe e o Filho, desde a Anunciação, quando O concebe por obra do Espírito Santo, também ao longo da missão de Jesus, aos pés da cruz, na ressurreição e pentecostes.⁶⁸

Na virgem Maria, de fato, tudo é relativo à Cristo e dependente dele: foi em vista dele que Deus Pai, desde toda a eternidade, a escolheu Mãe toda Santa e a plenificou com dons do Espírito a ninguém mais concedido.⁶⁹ Desse modo, pode-se afirmar que o único mediador entre Deus e a humanidade é Cristo, pois “tudo na Virgem Maria deriva dos méritos de Cristo e a sua veneração não impede de modo nenhum a relação dos fiéis com Cristo, mas, antes de tudo, a favorece”.⁷⁰

O papa Paulo VI, ao exortar as virtudes de Maria como mãe modelo da Igreja no documento *Signum Magnum*, afirma que:

Virgem Maria depois de ter participado no sacrifício redentor do Filho, e de maneira tão íntima que lhe fez merecer ser por Ele proclamada Mãe não só do discípulo João, mas de todos os seres humanos, continua agora no céu a cumprir a missão que teve na terra de cooperadora no nascimento e desenvolvimento da vida divina em cada alma dos homens remidos.⁷¹

De modo algum a Virgem Maria, na liturgia ou na piedade popular, tem como objetivo ocupar o lugar central. Toda sua vida, desde

⁶⁷ BOFF, Lina. Maria no contexto da evangelização da Igreja à luz do Vaticano II. In: GUIMARÃES, Valdivino (Org.). **Maria na liturgia e na piedade popular**. São Paulo: Paulus, 2017. p. 15-30. p. 21.

⁶⁸ JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica *Rosarium Virginis Marie***: sobre a oração do santo rosário. Brasília: CNBB, 2016. p. 20; RV 10.

⁶⁹ PAULO VI, 2016, p. 32; MC 25.

⁷⁰ LIRA, 2018, p.19.

⁷¹ PAULO VI. **Exortação Apostólica *Signum Magnum***: sobre a consagração ao culto da Virgem Maria Mãe da Igreja e modelo de todas as virtudes. Brasília: CNBB, 2016. p. 11; SM 1.

a encarnação do Verbo, foi voltada para o seu Filho. Por conseguinte, da mesma forma, deve acontecer com as diversas expressões do culto mariano: o culto a Virgem deverá sempre apontar para o Cristo.

2.2 CARACTERÍSTICAS TRINITÁRIAS

A característica cristológica é essencial para que o culto mariano não seja desorientado e sem sentido. Todavia, não é a única característica que deve ser observada. Ao falar de Maria é muito útil realçar outros dados essenciais da fé: a pessoa e a obra do Espírito Santo que também está fundamentalmente presente na caminhada mariana.

Conforme a *Marialis Cultus*, são destacados diversos momentos de intervenção e ação santificadora do Espírito na vida da Virgem de Nazaré. Primeiramente na Encarnação, momento culminante história de Salvação, ela é recoberta pelo altíssimo (Lc 1,35) e fecundada pelo Espírito (Mt 1,18-20). No cântico profético de Maria (Lc 1, 46-55) um particular nota-se o influxo daquele mesmo Espírito que havia falado pela boca dos profetas. Por fim, a presença da Mãe de Jesus no Cenáculo, onde o Espírito desceu sobre a Igreja nascente (At 1,12-14; 2,1-4), permitindo relacionar a figura de Maria e a Igreja.⁷²

Por sua vez, com base na *Marialis Cultus*, Murad afirma algo semelhante. Para ele o Espírito Santo plasmou Maria como nova criatura, a consagrou e tornou fecunda sua virgindade, fez dela seu santuário. É ainda responsável pela fé, a esperança e caridade que animaram o coração da Virgem, promovendo o canto do *Magnificat*, agindo nela e na comunidade cristã das origens.⁷³ De fato:

a figura viva e pessoal viva de Maria esta ligada ao mistério e a obra do Pai, do Filho, do Espírito Santo, para a redenção dos homens. Ela é aquela que, através da fé, faz viver em Cristo a comunhão com o Pai e o Espírito. Maria, santificada e coberta pela sombra do Espírito, feita imagem da Igreja pelo Espírito, reflete na terra o amor unitário das pessoas divinas. Como

⁷² PAULO VI, 2016, p. 33; MC 26.

⁷³ MURAD, Afonso. **Maria toda de Deus e tão humana**. São Paulo: Paulinas; Santuário, 2012. p. 212.

discípula fiel convida a cada discípulo a viver de Cristo para ser conduzido pelo Espírito ao Pai.⁷⁴

Desta forma, a Virgem Maria é filha predileta do Pai e templo do Espírito Santo. Ela que no sim da anunciação recebeu o Verbo no coração e no seio, dando ao mundo a Vida, é reconhecida e honrada como verdadeira Mãe de Deus. Também foi remida dum modo mais sublime, em atenção aos méritos de seu Filho e unida a Ele por um vínculo estreito e indissolúvel, foi enriquecida com a missão e dignidade de Mãe do filho de Deus. É ainda a esposa do Espírito Santo e, por este nobre dom da graça, sobressai á todas as demais criaturas do céu e da terra.⁷⁵

Diante disso, é necessário que os exercícios de piedade para com a Virgem Maria expressem, de maneira clara, a característica trinitária que lhes é intrínseca e essencial. O culto cristão, é dessa forma, um verdadeiro culto ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, ou, conforme se expressa a Liturgia, ao Pai por Cristo no Espírito. Nesta perspectiva, o culto à Mãe do Senhor deve também ser em vista da Trindade, claro que de modo singular e substancialmente diverso.⁷⁶

2.3 CARACTERÍSTICAS BÍBLICAS

A *Marialis Cultus*, ao ordenar o desenvolvimento do culto a Virgem, destaca a necessidade de um cunho bíblico em toda e qualquer forma de culto prestado a Maria. Com o progresso dos estudos bíblicos, e difusão das Sagradas Escrituras orienta os cristãos a servirem-se cada dia mais da Bíblia, como livro fundamental de oração e para dela tirar inspiração e modelos insuperáveis. Em vista disso, o culto à bem-aventurada Virgem Maria deve, necessariamente, ser feito com base na tradição bíblica.⁷⁷

Com certeza, os textos bíblicos que dizem explicitamente a respeito de Maria se encontram nos Evangelhos que foram escritos para falar de Jesus Cristo. Ele é a mensagem central do Novo Testamento.

⁷⁴ PEDICO, Marcellina. Catequese. In: FIORES, Stefano; MEO, Salvatore. (Orgs.). **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995. p. 273-277. p. cit. 274.

⁷⁵ CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 180; LG 53.

⁷⁶ PAULO VI, 2016, p. 32; MC 25.

⁷⁷ PAULO VI, 2016, p. 38; MC 30.

Porém, Maria aparece em diversos textos que devem ser compreendidos no contexto de cada Evangelho.⁷⁸ Por isso, não se deve falar de Maria, nem a ela dirigir-se nos cultos de fé cristã, sem antes partir das Sagradas Escrituras.

No entanto, a abordagem dos textos bíblicos sem compreender o devido contexto pode transformar-se em discurso errôneo. Do Gênesis ao Apocalipse, há referências a Maria como mãe e mulher inserida na história da salvação, com uma função específica e própria, que bem direcionada, interpretada e contextualizada conduz os cristãos a uma mariologia verdadeira.⁷⁹

Conforme Murad, no Evangelho de Marcos nada se diz explicitamente sobre as qualidades humanas e espirituais de Maria, colocando-a apenas entre os familiares de Jesus (Mc 3, 31-35; 6,1-6). É com o evangelista Mateus que se dão os primeiros passos na compreensão bíblica sobre Maria. Este evangelista apresenta-a, sob ação do Espírito Santo, como a mãe virginal do Messias.⁸⁰

As qualidades humanas e espirituais de Maria serão demonstradas pelos evangelistas João e Lucas. Lucas apresenta várias características de Maria. Dentre elas, a perfeita discípula que acolhe e encarna a Palavra com fé, medita no coração e a coloca em prática, como peregrina na fé. Há também duas outras características que se revestem de grande atualidade: a consciência profética e social, que se expressa no canto do *Magnificat*, e a estreita relação de Maria com o Espírito Santo.⁸¹ Na verdade, estas características marianas são os traços principais de todo discípulo de Cristo: acolher a Jesus com fé e produzir boas obras anunciando o seu Reino (Lc 18,27s).⁸²

Um núcleo importante dos Evangelhos são os relatos da infância, que relacionam o menino e o papel de Maria na vida do Salvador. Nos sinóticos, entre as testemunhas imediatas da encarnação, em primeiro lugar está Maria, sua mãe. Relatam, portanto, “a personalidade e o caminho percorrido por Maria, sua postura de fé, de obediência, de total

⁷⁸ MURAD, 2012, p. 37.

⁷⁹ BOFF, 2017, p. 46.

⁸⁰ MURAD, 2012, p. 41-42.

⁸¹ MURAD, 2012, p. 69.

⁸² MURAD, 2012, p. 61.

abertura e disponibilidade, de escuta e interiorização da palavra de Deus, que através dela se fez carne.⁸³

No Evangelho de João Maria aparece apenas em dois momentos, No primeiro sinal de Jesus, em Caná, quando ele inicia sua missão pública (Jo 2,1-11) Maria está presente. Também é apresentada junto à cruz, no momento da morte do Senhor, ao finalizar sua missão terrena (Jo 19, 25-27). Duas menções estratégicas, no início e fim da missão de Jesus. O evangelista João demonstra assim o lugar especial que tem Maria, presente nos momentos mais importantes do filho.⁸⁴

No milagre do vinho que faltara ao casamento em Caná, Maria é a mãe da comunidade cristã que em sua maternidade é solícita em prol dos homens indo ao encontro deles, na vasta gama das suas carências e necessidades. A mãe de Jesus estimula os servidores e amigos de Jesus a realizarem sua vontade. Ela é responsável por apontar o caminho, auxiliando os discípulos a terem fé em Jesus e a se reunirem em torno dele.⁸⁵

O primeiro dos ‘sinais’ realizado por Jesus – a transformação da água em vinho nas bodas de Caná – mostra-nos precisamente Maria no papel de mestra, quando exorta os servos a cumprirem as disposições de Cristo (cf. Jo 2, 5). E podemos imaginar que Ela tenha desempenhado a mesma função com os discípulos depois da Ascensão de Jesus, quando ficou com eles à espera do Espírito Santo e os animou na primeira missão.⁸⁶

No Novo Testamento são significativas também as passagens do Apocalipse 12, bem como At 1,14 (Maria com os discípulos) e a referência paulina de Gl 4,4. A perspectiva que predomina é sempre a história salvífica, isto é, a apresentação de Maria em sua necessária relação com o Cristo e com a Igreja.⁸⁷

⁸³ ROSSO, Stefano. Ano Litúrgico. In: FIORES, Stefano; MEO, Salvatore. (Orgs.). **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995. p. 67-88. p. cit. 81.

⁸⁴ MURAD, 2012, p. 90-91.

⁸⁵ JOÃO PAULO II. **Carta encíclica *Redemptoris Mater***: sobre a bem-aventurada Virgem Maria na vida da Igreja que está a caminho. Brasília: CNBB, 2016. p. 38; RM 21.

⁸⁶ JOÃO PAULO II, 2016, p. 23; RV 14.

⁸⁷ ROSSO, 1995, p. 81.

Ao capítulo 12 do Apocalipse é atribuída uma interpretação mariana que apresenta Maria como imagem da comunidade cristã, que experimenta neste mundo o sofrimento, a perseguição, mas também a glória e a vitória do ressuscitado (Ap 12). No entanto, segundo Murad, esta não é a intenção principal do autor, pois a mulher do Apocalipse representa primeiramente a Igreja e seus discípulos e até mesmo Eva, a primeira mulher da bíblia.⁸⁸

Do mesmo modo, alguns relatos das Escrituras judaicas ou Antigo Testamento, tais como Gn 3,15 e Is 7,14, são interpretações relacionadas a Maria, mas tendem mais para uma alegoria. Assim sendo, não possuem originalmente intenções mariais.⁸⁹

Portanto, a Bíblia, ao apresentar o plano de Deus para a salvação dos homens, refere-se àquela que foi a mãe e cooperadora do nosso Senhor Jesus Cristo. As Sagradas Escrituras são os alicerces que ajudam a preservar a devoção mariana dos exageros, dos desvios fantasiosos e sentimentais e do espírito estreito, fechado em si.⁹⁰

2.4 ORIENTAÇÕES LITÚRGICAS

O Concílio Vaticano II, ao reformular a liturgia recolocou Maria em íntima relação com o mistério de Cristo e da sua Igreja, como destacou-se pela sua presença ao longo do Ciclo do Natal, Ciclo da Páscoa e do Tempo Comum.

O papa Paulo VI, após destacar os critérios para a correta devoção mariana, invocando a *Sacrossanctum Concilium*, orienta a importância de “ordenar essas práticas de piedade tendo em conta os tempos litúrgicos, de maneira que se harmonizem com a sagrada Liturgia”.⁹¹ Ou seja, os exercícios de piedade estejam relacionados a Liturgia e conduzam o povo para ela, pois o valor da liturgia é muito maior que estas práticas.

O ano litúrgico dedica festas, solenidades e memórias a Virgem Maria, colocando-a em um lugar de honra e veneração, sendo celebrada na liturgia da Igreja, tanto no Oriente quanto no Ocidente. A Bem-Aventurada, na liturgia da Igreja, possui uma incomparável eficácia

⁸⁸ MURAD, 2012, p. 110.

⁸⁹ MURAD, 2012, p. 115.

⁹⁰ ROSSO, 1995, p. 83.

⁹¹ CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 40; SC 13.

pastoral e tem um reconhecido valor exemplar para as outras formas de culto.⁹²

Por esse motivo, a *Lumen Gentium*, “exorta todos os filhos da Igreja a promoverem dignamente o culto a Virgem Santíssima, de modo especial o culto litúrgico”.⁹³ Desta forma, ao celebrar o culto Mariano na liturgia, é necessário certo cuidado, pois a liturgia possui sua organização com normas e ritos próprios. Por outro lado, a devoção popular e a piedade cristã são menos definidas e estruturadas. Possuem fórmulas católicas e elementos comuns, mas criam novas formas de expressar a sua fé, a começar dos cantos e gestos nem sempre condizentes com o apelo litúrgico.⁹⁴

À vista disso, o culto a Virgem Maria é presente nas diversas celebrações litúrgicas de forma que “não se pode pensar em boa mariologia se não houver sensibilidade litúrgica”.⁹⁵ É a própria liturgia, aprovada pelo magistério da Igreja, que expressa o altíssimo e digno culto mariano, porém, com os devidos cuidados e atentos as observações de forma a manter a correta e viva devoção.

2.5 ORIENTAÇÕES SOBRE ECUMENISMO

Acrescenta-se ainda algumas orientações de ordem ecumênica. No culto à Virgem Maria há um caráter eclesiástico que volta-se para o apelo dos Movimentos ecumênicos. Porém, é evidente que muitas discussões, que ocorrem de forma arbitrária, à respeito da Virgem acabam promovendo cismas e conflitos.

Diante disso, o ecumenismo dá-se sobre a mesma plataforma cristã do catolicismo. Isto significa que se faz ecumenismo quando são colocados em comum, com os irmãos e irmãs de outras Igrejas Cristãs, elementos da mesma verdade que são professados e testemunhados na fé católica.⁹⁶ O ecumenismo jamais deve ser conflito ou debates acirrados sobre as diferenças, mas principalmente convergência e unidade na promoção do diálogo.

Entre as Igrejas cristãs o maior consenso está na maternidade divina, pois além de ser fundamentada na bíblia foi formulada num

⁹² PAULO VI, 2016, p. 13; MC 1.

⁹³ CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 69; LG 67.

⁹⁴ MURAD, 2012, p. 211.

⁹⁵ ROSSO, 1995, p. 83.

⁹⁶ BOFF, 2017, p. 47.

Concílio Ecumênico dos primeiros séculos. Para a Igreja ortodoxa, por exemplo, “*Theotókos*” não é um título opcional de devoção, mas a pedra de toque da verdadeira fé na encarnação. Assim, a pessoa e a vocação de Maria só podem ser compreendidas a luz de Jesus. Negar sua maternidade é contestar a unidade da pessoa de Cristo como Deus encarnado.⁹⁷

A Igreja católica, a Igreja ortodoxa e as antigas Igrejas orientais unem-se profundamente no amor e louvor à Mãe de Deus. Não somente pelos dogmas fundamentais da fé cristã acerca da Trindade e do Verbo de Deus, que assumiu a carne ao ser concebido no ventre da Virgem Maria, definidos nos Concílios ecumênicos, mas expressa-se principalmente no culto litúrgico que exalta com hinos esplêndidos Maria sempre Virgem e Santíssima Mãe de Deus.⁹⁸

Assim sendo, o Sagrado Concílio salienta “não faltar entre os irmãos separados quem preste à Mãe do Senhor e Salvador o devido culto; sobretudo entre os Orientais, que acorrem com fervor e devoção a render culto à sempre Virgem Mãe de Deus”.⁹⁹ A *Marialis Cultus*, por sua vez, não se refere como irmãos separados, pelo contrário, nota-se o sentimento de unidade de todos os cristãos ao afirmar que:

[...] os fiéis católicos se unem aos irmãos das Igrejas ortodoxas, nas quais a devoção à bem-aventurada Virgem Maria se reveste de formas de elevado lirismo e de doutrina profunda, ao venerar, com particular amor, a “Theotocos”, e ao aclamá-la como ‘Esperança dos cristãos’; se unem aos Anglicanos, cujos teólogos clássicos já colocavam em evidência a sólida base escriturística do culto a Mãe de Nosso Senhor, e cujos teólogos contemporâneos frisam ainda mais a importância do lugar que Maria ocupa na vida cristã; se unem, enfim, aos irmãos das Igrejas da reforma, entre os quais floresce vigorosamente o

⁹⁷ MURAD, 2012, p. 144.

⁹⁸ JOÃO PAULO II, 2016, p. 43; RM 31.

⁹⁹ CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 192; LG 69.

amor pelas Sagradas Escrituras, que os leva a glorificarem a Deus com as próprias palavras da Virgem.¹⁰⁰

Dessa maneira, o culto mariano em sentido bíblico e histórico aproxima o catolicismo aos orientais. A consideração de Maria no sentido bíblico faz aproximar-se dos protestantes. São estas proximidades que promovem a caminhada ecumênica acerca da Virgem Maria.¹⁰¹ Atualmente o problema para o diálogo ecumênico surge quando os católicos proclamam a “maternidade espiritual” de Maria.¹⁰²

O decreto conciliar sobre o Ecumenismo, a *Unitatis Redintegratio*, elenca as discrepâncias em relação a doutrina católica existentes entre os que confessam Jesus Cristo como Deus e Senhor e único mediador entre Deus e os homens. Entre as principais destaca as relacionadas ao Verbo de Deus encarnado, sobre a obra da redenção e por conseguinte sobre o mistério e o ministério da Igreja, bem como sobre a função de Maria na obra da salvação.¹⁰³

No entanto, é motivo de alegria saber que os irmãos de outras tradições tendem para Cristo como fonte e centro da comunhão eclesial. Na unidade com Ele, devem ser cada vez impelidos na busca ecumênica, pois sabem que a unidade entre eles só poderá ser conquistada se estiverem fundados sobre a mesma fé.

Eles devem resolver discordâncias não leves de doutrina, quanto ao mistério e ao ministério da Igreja e também quanto à função de Maria na obra da salvação, pois Maria é sempre o exemplo que conduz à unidade, querida pelo seu único Senhor e tão desejada por aqueles que estão prontos a ouvir atentamente o que o Espírito diz hoje às Igrejas.¹⁰⁴

¹⁰⁰ PAULO VI, 2016, p. 40; MC 32.

¹⁰¹ ROSSO, 1995, p. 83.

¹⁰² MURAD, 2012, p. 145.

¹⁰³ PAULO VI. **Decreto *Unitatis Redintegratio* sobre o ecumenismo.** Vaticano: 1964. Não paginado; UR 20. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_decree_19641121_unitalis-redintegratio_po.html>. Acesso em: 20 jun. 2019.

¹⁰⁴ JOÃO PAULO II, 2016, p. 43; RM 30.

Uma atitude essencial no diálogo ecumênico está em evitar-se minimalismos de modo a induzir a compreensão errada da doutrina católica em relação a Maria, bem como, maximalismos, que podem conferir significados salvíficos a elementos periféricos sobre os quais as Escrituras silenciam. Nesse sentido, a *Lumen Gentium* orienta que se tenha cuidado evitando tudo o que, por palavras ou por obras, possa induzir em erro os irmãos separados ou quaisquer outras pessoas, quanto à verdadeira doutrina da Igreja.¹⁰⁵

Por fim, na orientação a respeito do ecumenismo, o papa Paulo VI destaca Maria como caminho para unidade dos cristãos. Ele enfatiza a importância de uma melhor compreensão do lugar de Maria no mistério de Cristo e da Igreja, também por parte dos irmãos separados. Afinal, um verdadeiro culto da bem-aventurada Virgem Maria que honra a Mãe faz com que melhor se conheça, ame e glorifique o Filho.¹⁰⁶

Na caminhada ecumênica, aproximando-se pelas características comuns e buscando diálogo nas divergências, a Igreja católica implora que a Mãe de Cristo interceda junto do Filho pela unidade de todos os batizados num só povo de Deus. Maria assistiu com suas orações a Igreja nascente e agora exaltada sobre todos os anjos e os bem-aventurados, suplica pelos cristãos e por aqueles que ainda ignoram o Salvador para que se reúnam felizes, em paz e harmonia, num único Povo de Deus para glorificar a santíssima Trindade.¹⁰⁷

2.6 O CULTO MARIANO NA DEVOÇÃO POPULAR

Passadas as características do culto mariano e as orientações do magistério na ordem bíblica, litúrgica e ecumênica, a terceira parte da *Marialis Cultus* é dedicada a indicações sobre os pios exercícios direcionados a Virgem. Entre as principais, salienta-se o rosário e o *Ângelus Domini* (Ave-Marias).

A veneração a Maria aparece de forma mais numerosa na devoção do que na liturgia. As devoções populares, além do terço e do *Ângelus*, manifesta-se também nas novenas, nas promessas, nas fórmulas de consagração e nas romarias. Elas não são regidas por normas canônicas, mas pelo desejo do povo de caminhar em comunhão

¹⁰⁵ CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 191; LG 67.

¹⁰⁶ PAULO VI, 2016, p. 41; MC 33.

¹⁰⁷ CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 192; LG 69.

com Maria.¹⁰⁸ Segundo Guimarães, as comunidades de fé devem substituir as práticas piedosas e devocionais sem fundamentos para valorizar e dar espaço aos elementos perenes que possuem base bíblica, teológica e doutrinal.¹⁰⁹

De maneira geral, os exercícios de piedade mariais devem manifestar de modo claro o lugar que Maria ocupa na Igreja. Isto é, depois de Cristo está a Virgem, no entanto, é ela também a mais próxima dos homens e mulheres.¹¹⁰ O amor pela Igreja é expresso no amor atribuído à Maria, e vice-versa, expressos também nos pio exercícios. Nas palavras de Papa Francisco, a Virgem é cheia de justiça e ternura, de contemplação e de caminho, apresentando-se como modelo para a Evangelização, pois:

Maria sabe reconhecer os vestígios do Espírito de Deus tanto nos grandes acontecimentos como naqueles que parecem imperceptíveis. É contemplativa do mistério de Deus no mundo, na história e na vida diária de cada um e de todos. É a mulher orante e trabalhadora em Nazaré, mas é também nossa Senhora da prontidão, a que sai «à pressa» (Lc 1, 39) da sua povoação para ir ajudar os outros.¹¹¹

A presença de Maria, nos dias de hoje, assim como ao longo da história da Igreja encontra várias formas de expressão. O culto piedoso à Virgem é encontrado, sobretudo, na fé e na piedade dos fiéis; mas também nas tradições das famílias cristãs nas comunidades paroquiais e missionárias, nos institutos religiosos e dioceses. Papa Francisco, descreve com grande afeto, ao seu modo, aquilo que Maria representa para o povo:

Ela é a serva humilde do Pai, que transborda de alegria no louvor. É a amiga sempre solícita para que não falte o vinho na nossa vida. É aquela que tem o coração trespassado pela espada, que

¹⁰⁸ MURAD, 2012, p. 209.

¹⁰⁹ BOFF, 2017, p. 43.

¹¹⁰ MURAD, 2012, p. 212.

¹¹¹ FRANCISCO. **Exortação apostólica *Evangelii Gaudium***. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 227; EG 288.

compreende todas as penas. Como Mãe de todos, é sinal de esperança para os povos que sofrem as dores do parto até que germine a justiça. Ela é a missionária que Se aproxima de nós, para nos acompanhar ao longo da vida, abrindo os corações à fé com o seu afeto materno.¹¹²

A Virgem Maria é estimada pelo povo como uma verdadeira mãe. Ela é aquela que caminha junto a todos e nos momentos de luta aproxima-os incessantemente do amor de Deus. Por exemplo, são notáveis as influências e os poderes de atração dos grandes santuários, onde não apenas as pessoas individualmente ou pequenos grupos locais.

mas por vezes nações inteiras e até mesmo continentes procuram o encontro com a Mãe do Senhor, com Aquela que é feliz porque acreditou, que é a primeira entre aqueles que acreditaram e por isso se tornou a Mãe do Emanuel.¹¹³

Diante disso, na vida de fé, existem as práticas devocionais que devem considerar os tempos litúrgicos e sempre orientar para a liturgia, com grande cunho para a celebração da vida, que é celebrar a morte e ressurreição de Jesus. Precisam-se evitar os exageros dos que desprezam os exercícios de piedade.¹¹⁴ Por isso, o Concílio Vaticano II, não ignora as formas piedosas de culto à Maria. Pelo contrário, exorta que, ao lado do culto litúrgico, se promovam outras formas de piedade, sobretudo aquelas que têm sido recomendadas pelo Magistério.¹¹⁵

Portanto, os exercícios piedosos, marcados pela devoção popular, são manifestações importantes para o culto a Maria e a Deus. A Virgem dirige-se aos mistérios de Cristo, como caminho prepara o coração dos fiéis, expressando e sustentando a fé do povo. Em muitos cristãos percebe-se o amor e a confiança atribuídos à Mãe de Jesus, sobretudo, pela oração do rosário e pela invocação do “*Ángelus*”.

2.6.1 O rosário

¹¹² FRANCISCO, 2014, p. 224; EG 286.

¹¹³ JOÃO PAULO II, 2016, p. 41; RM 28.

¹¹⁴ MURAD, 2012, p. 213.

¹¹⁵ PAULO VI, 2016, p. 31; MC 24.

O exercício piedoso da recitação do rosário é conhecido também como Terço ou Coroa de Nossa Senhora, ou ainda, Compêndio do Evangelho. O Rosário da Virgem Maria por inspiração do Espírito de Deus foi formando-se gradualmente, despontando-se como oração amada por numerosos Santos e estimulada pelo Magistério. “Na sua simplicidade e profundidade, permanece, ainda hoje como oração de grande significado e destinada a produzir frutos de santidade”.¹¹⁶

Costuma-se atribuir a São Domingos a origem do rosário, recebido diretamente de Maria, porém, isso tende a ser uma lenda. O que sabe-se de fato é que o dominicano Frei Henrique Kalkar, por voltado ano 1300, fez a divisão das Ave-Marias em quinze dezenas, com o Pai-Nosso iniciando cada uma. Anos mais tarde, outro monge atribui a estas dezenas a meditação dos mistérios. Através deles se contemplavam, respectivamente, e encarnação do Filho de Deus, sua Paixão e morte, a ressurreição e glorificação de Jesus e de Maria. A segunda parte da Ave-Maria foi incorporada ao rosário provavelmente a partir do ano 1480.¹¹⁷

O Rosário é estruturado da seguinte forma: contemplação dos mistérios de Cristo atribuídos a cada dezena. Inicia-se pela oração dominical, o Pai-Nosso, prosseguindo com a oração das dez Ave-Marias e finalizando cada etapa está a doxologia que glorifica a Trindade.

A série de *Ave-Marias* é uma característica própria do Rosário, na forma típica totaliza cento e cinquenta invocações análogas ao Saltério. Porém, Papa o João Paulo II incluiu os mistérios Luminosos, referentes a vida pública de Jesus, desse modo, acrescentou-se mais cinquenta Ave-Marias. Porém, é costume dividir em dezenas coligadas a cada um dos mistérios, dando lugar ao conhecido Terço, de cinquenta Ave-Marias, que foi adotado pela piedade popular.¹¹⁸

A respeito do rosário, na carta apostólica *Rosarium Virginis*, o papa João Paulo II intitula o primeiro capítulo como “contemplar Cristo com Maria”. Este é o objetivo principal do rosário, a partir da experiência de Maria, contemplar os mistérios da vida de Cristo. Privar-se desta dimensão é perder o sentido de tão preciosa oração.¹¹⁹ Desta forma, as jaculatórias católicas com a oração vocal da Ave-maria, não são meras repetições sincronizadas, mas oração contemplada. Isto é, o

¹¹⁶ JOÃO PAULO II, 2016, p. 11; RV 1.

¹¹⁷ MURAD, 2012, p. 215.

¹¹⁸ PAULO VI, 2016, p. 53-54; MC 49.

¹¹⁹ JOÃO PAULO II, 2016, p. 21; RV 12.

rosário destaca-se pela ação contemplativa dos mistérios que ao invocar a Santa Mãe de Deus aquietam a mente e o coração, em silêncio, sintonizam os apelos e agradecimentos dos fiéis direcionados a Deus.¹²⁰

Para contagem das jaculatórias costuma-se utilizar o terço. Porém, este instrumento presta-se também a exprimir simbolismos, que podem conferir maior profundidade à contemplação. O terço converge para o Crucificado, que desta forma abre e fecha o próprio itinerário da oração. Em Cristo está centrada a vida e a oração dos crentes. Tudo parte d'Ele, tudo tende para Ele, tudo por Ele, no Espírito Santo, chega ao Pai.¹²¹ Desse modo, “a prática do rosário é uma oração evangélica, centrada sobre o mistério da Encarnação redentora, é uma prece de orientação profundamente cristológica”.¹²²

Por certo, o rosário é uma devoção legítima e auxilia os fiéis a adorar a Deus, venerar a mãe de Jesus e contemplar os mistérios da vida do Senhor. Deve ser exercitado com coração aberto e boa preparação. É desaconselhável, por exemplo, recitá-lo de forma mecânica, repetindo as pressas as Ave-Marias. Como oração contemplativa deve ser saboreada, rezada com tranquilidade adentrando aos mistérios, pode ser enriquecida ainda com trechos da Palavra de Deus, hinos e canções.¹²³

Além da contemplação o rosário possui ainda um aspecto de súplica evidente na devoção dos cristãos. A reza do terço, na maioria das vezes, é atrelada a pedidos e desejo de intercessão. Esta imploração insistente da Mãe de Deus apoia-se na confiança de que a sua materna intercessão tudo pode no coração do Filho. No Rosário, Maria, “santuário do Espírito Santo (Lc1, 35), ao ser suplicada pelos fiéis, apresenta-se diante do Pai que a cumulou de graça e do Filho nascido das suas entranhas, recorrendo em favor dos fiéis”.¹²⁴

Por fim, o rosário deve ser descoberto em seu pleno significado, pois oferece aos cristãos um caminho espiritual e pedagógico. Através do seu caráter mariano conduz o orante para os mistérios de Cristo ao contemplar os principais momentos da vida do Salvador. Da encarnação à Assunção, percorre-se com Maria a experiência do amor profundo de Jesus oferecido a todos os seres humanos.

¹²⁰ MURAD, 2012, p. 214.

¹²¹ JOÃO PAULO II, 2016, p. 47; RV 36.

¹²² PAULO VI, 2016, p. 53-54; MC 46.

¹²³ MURAD, 2012, p. 214.

¹²⁴ JOÃO PAULO II, 2016, p. 25-26; RV 16.

2.6.2 A Ave-Maria

A prontidão de Maria, com seu sim generoso, é lembrada no exercício piedoso da oração do “*Ângelus*”. Nessa oração mariana é rezada a saudação do anjo a Nossa Senhora. Realizada em três momentos do dia, pela manhã, ao meio-dia e ao entardecer os cristãos rememoram a encarnação contemplando o mistério sobre a saudação que o Anjo Gabriel dirigiu a Maria quando anunciou que Ela seria a Mãe de Jesus.¹²⁵

Dois elementos são marcantes na oração simples e profunda da Ave-Maria: a repetição do “Ave-Maria, cheia de graça” e a saudação da mãe do Batista que diz “bendito é o fruto do teu ventre” (Lc 1,42). Ou seja, sua inspiração Evangélica retoma a bela saudação do anjo Gabriel e a exaltação de Isabel, rememorando a grande graça da Encarnação que todos os homens e mulheres receberam. A segunda parte da oração da Ave-Maria é uma invocação de súplica para que a Virgem rogue a Deus em favor dos homens, sobretudo, na hora da morte.

Após refletir a respeito destes dois principais exercícios piedosos, o rosário e “*Ângelus*”, é necessário evidenciar que tais práticas são recomendadas pela Igreja, porém, devem estar em conformidade com as leis e normas litúrgicas de forma que “as celebrações litúrgicas e o pio exercício do Rosário não se devem contrapor nem equiparar”.¹²⁶

O mais importante é submeter exercícios piedosos à liturgia, O autor Goedert, a respeito deste princípio, recorda que:

Embora a maioria dos exercícios de piedade tenham nascidos à margem da liturgia e, frequentemente, como substitutivos de uma piedade que não podia se alimentar da própria liturgia, nunca se poderá colocar em dúvida o bem que exerceram na vida espiritual do povo de Deus.¹²⁷

¹²⁵ BOFF, Lina. Resgatar a humanidade de Maria como profetisa é colocar as grandes questões do feminino. In: GUIMARÃES, Valdivino (Org.). **Maria na liturgia e na piedade popular**. São Paulo: Paulus, 2017. p. 31-57. p. 49.

¹²⁶ PAULO VI, 2016, p. 52; MC 48.

¹²⁷ GOEDERT, 2013, p. 24-25.

Desse modo, a Igreja insiste que se promova o culto da Santíssima Virgem, sobretudo o culto litúrgico, que tenham em grande estima as práticas e exercícios de piedade para com Ela. Contudo, alerta os teólogos e pregadores da palavra de Deus, para que evitem com cuidado, tanto um falso exagero como a demasiada redução na consideração da dignidade singular da Mãe de Deus.¹²⁸

Por fim, demonstradas as principais características do culto mariano, no qual a Santíssima Virgem possui seus méritos na evangelização, deve-se agora verificar as festas que são dedicadas especificamente para Maria ao longo do ano litúrgico. Sua presença ao longo das celebrações devem sempre remeter ao Cristo, porém, sua importância não deve ser desmerecida. Ela é caminho para o mistério do Filho, mas também exemplo para toda a comunidade de fiéis ao aceitar generosamente o convite realizado por Deus para ser a mãe de Jesus.

¹²⁸ CONCÍLIO VATICANO II, 1962, p. 191; LG 67.

3 A VIRGEM MARIA NO ANO LITÚRGICO

Após ter-se demonstrado as características do culto mariano nos aspectos bíblico, teológico e pastoral pretende-se apresentar as celebrações que são dedicadas a Santa Mãe de Deus em cada tempo litúrgico. Em muitas celebrações encontram-se eucologias específicas que retratam a grandeza mariana, porém, neste momento enfoca-se apenas o espaço no ano litúrgico dedicado as celebrações da Virgem Maria.

A Virgem Maria participou ativamente do mistério Pascal do filho. Desde a encarnação ela está presente de modo dinâmico no projeto salvífico do Pai. Acompanhou o caminho da cruz até o calvário e exultou a alegria da ressurreição. Por isso, a Igreja através da reforma litúrgica, ao expor a celebração da obra de salvação “permitiu que nele fosse inserida, de maneira mais orgânica e com uma ligação mais íntima, a memória da Mãe, no ciclo anual dos mistérios do Filho”.¹²⁹

A importante exortação *Marialis Cultus* descreve nos pontos sete e oito as principais celebrações, solenidades, festas e memórias marianas que devem ser recordadas ao longo do ano litúrgico. As principais são a solenidade de Santa Maria Mãe de Deus e Imaculada Conceição. Aponta-se ainda as três solenidades voltadas à Cristo, mas que Maria está presente de modo primordial. São elas a solenidade da Natividade do Senhor, a Epifania do Senhor e a festa da Sagrada Família.

Além das solenidades considera-se também aquelas que comemoram eventos salvíficos e nos quais a Virgem Maria esteve intimamente associada ao mistério do Filho. Neste caso, destacam-se a festa da Natividade de Maria; Festa da Visitação de Maria a prima Isabel; e ainda a memória de Nossa Senhora das Dores.¹³⁰

Há ainda outras celebrações, festas ou memórias, que se ligam mais ao culto local, porém, com grande alcance e interesse de muitos fiéis, por exemplo, a comemoração de Nossa Senhora de Lourdes; Dedicção da Basílica de Santa Maria Maior em Roma. Outras destacam-se pelas celebrações particulares, mas devido ao seu alcance pode-se dizer verdadeiramente eclesial: Nossa Senhora do Monte Carmelo; Nossa Senhora do Rosário. Interessante são as comemorações marianas que se consolidaram a partir de conteúdo apócrifo, mas

¹²⁹ PAULO VI, 2016, p. 14; MC 2.

¹³⁰ PAULO VI, 2016, p. 17; MC 7.

constam de elevado exemplo e veneráveis tradições, a apresentação de Nossa Senhora, ou então, da piedade popular como a Imaculado Coração da bem-aventurada Virgem Maria.¹³¹

Com base na orientação da *Marialis Cultus*, as celebrações marianas serão descritas conforme o tempo litúrgico em que estão inseridas. Busca assim relacioná-las com o ciclo vivenciado pela liturgia da Igreja, acrescentando em algumas ocasiões, eucologias essenciais para afirmar o posicionamento da Igreja em relação ao espaço de Maria na celebração específica. Outras, no entanto, serão mencionadas de forma sintética, por se tratarem de festas e desenvolvimentos mais particulares.

3.1 MARIA NO ADVENTO

No Advento relembra-se a dimensão histórica da salvação e o caráter missionário da vinda de Cristo que se encarnou no seio da Virgem Maria para habitar entre nós, tornando-se presença salvífica na história, confirmando assim, a promessa e a aliança feitas por Deus ao povo de Israel. Maria é a figura central do Tempo do Advento, por isso, este tempo é essencialmente mariano.

A Virgem Maria é a Mulher do Advento, concebida por Deus no início da criação para ser a Mãe do Salvador, quando grávida se torna a mensageira da esperança. Desta forma, “entra no mistério do Filho e com Ele proclama as maravilhas do Senhor, que cumpre suas promessas em favor de todos aqueles que o amam e respeitam”.¹³²

Assim, neste período de esperança, no Advento, comemora-se no dia oito de dezembro a solenidade da Imaculada Conceição da Virgem Maria. Por esta festa a Igreja professa que a Mãe de Jesus foi concebida sem o pecado original, como afirma a oração da coleta deste dia:

Ó Deus, que preparastes uma digna habitação para o vosso Filho, pela imaculada conceição da Virgem Maria, preservando-a de todo pecado em previsão dos méritos de Cristo, concedei-nos chegar até vós purificados também de toda culpa por sua materna intercessão. Por Nosso Senhor

¹³¹ PAULO VI, 2016, p. 18; MC 8.

¹³² LIRA, 2018, p. 26.

Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.¹³³

Dessa forma, para ser a mãe de Cristo Deus escolheu uma mulher santa e pura, cheia de graça, preparada como habitação da divindade desde a sua concepção, portanto, a Virgem foi previamente redimida pelo próprio Filho, sendo preparada para sua divina maternidade. Maria não é retirada da órbita da salvação de Cristo, apenas recebeu esta redenção antecipadamente.¹³⁴

Observa-se que a Liturgia do Advento através das menções marianas e suas celebrações, conjuga a expectativa do nascimento do Salvador com a outra expectativa da segunda vinda gloriosa de Cristo. Por isso, “o Advento é considerado como um tempo particularmente adequado para o culto da Mãe do Senhor: orientação essa, que nós confirmamos e auspiciamos ver aceita e seguida por toda a parte”.¹³⁵ Por vezes, separou-se a devoção mariana do Cristo, que é o centro de toda a sua ação.

Portanto, o Filho e a Mãe estão em total sintonia, pois é para Cristo que se dirige todo o culto mariano, como afirma o prefácio da missa da Imaculada Conceição:

A fim de preparar para o vosso Filho mãe que fosse digna dele, preservastes a Virgem Maria da mancha do pecado original, enriquecendo-a com a plenitude da vossa graça. Nela nos destes as primícias da Igreja, esposa de Cristo, sem ruga e sem mancha, resplandecente de beleza. Escolhida entre todas as mulheres, modelo de santidade e advogada nossa, ela intervém constantemente em favor de vosso do povo.¹³⁶

Desse modo, no tempo do Advento a liturgia recorda de Maria, não apenas com a solenidade da Imaculada, mas em toda a preparação para a vinda do Salvador, sobretudo, nas novenas de Natal que vão de

¹³³ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2010, p. 715.

¹³⁴ LIRA, 2018, p. 27.

¹³⁵ PAULO VI, 2016, p.14-15; MC 4.

¹³⁶ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2010, p. 716.

dezesete a vinte e quatro de dezembro, e, principalmente, no do 4º Domingo do Advento que antecede o Natal. Nele são lidas as palavras proféticas acerca da Virgem Mãe e acerca do Messias e leem-se os episódios evangélicos relativos ao iminente nascimento de Cristo e de João Batista o precursor. De certa forma, esta festa é completada pela solenidade, ao mesmo tempo cristológica e mariana, da Anunciação do Senhor.¹³⁷

Ressalta-se ainda que a Imaculada Conceição de Maria foi declarada como dogma de fé, uma solene proclamação da fé do povo de Deus que sempre acreditou em Maria concebida sem pecado desde o ventre de sua mãe Ana. A Virgem foi pensada por Deus como medianeira da Encarnação de Jesus e, por causa desse privilégio, previamente redimida por Cristo. A partir desta reflexão abre-se caminho para o outro dogma, da assunção, pois a que nunca teve pecado, sendo a morte consequência do pecado, não se poderia ter deteriorado em uma sepultura.¹³⁸

Diante disso, tem-se Maria intimamente ligada ao mistério do Advento, comemorada como a Imaculada Conceição. Nela encontra-se o sinal de que o Senhor vem à terra para que toda a Igreja e a humanidade inteira possam realizar, não por privilégio, mas por graça, a santificação tornando-se imaculados diante Dele no amor.

A segunda menção mariana no tempo do Advento é a festa de Nossa Senhora de Guadalupe celebrada em doze de dezembro. Trata-se da comoção do povo mexicano em torno da aparição de Nossa Senhora ao índio Juan Diego, que milagrosamente tem em seu poncho imagem de Nossa Senhora de Guadalupe impressa.

Ela apareceu morena, vestida como uma índia grávida. Em sua roupa retratava-se o céu com a posição das estrelas do dia em que ela apareceu. Os astecas sabiam reconhecer estes sinais, e isso foi decisivo para que a conversão daquele povo acontecesse em massa.¹³⁹

¹³⁷ BECKHAUSER, Alberto. Maria nos textos eucológicos. In: GUIMARÃES, Valdivino (Org.). **Maria na liturgia e na piedade popular**. São Paulo: Paulus, 2017. p. 71-86. p. 74.

¹³⁸ ADAM, 1982, p. 205.

¹³⁹ LIRA, 2018, p. 32.

A pedido da Virgem foi construído uma basílica em sua honra, na qual é venerada a imagem e o manto do jovem índio. Grandes milagres aconteceram ao longo de quinhentos anos de história da aparição de Nossa Senhora de Guadalupe. Assim, Guadalupe tornou-se o grande santuário do México e essa devoção se estendeu por toda a América Latina. Em 1979, São João Paulo II consagrou Nossa Senhora de Guadalupe como Padroeira da América Latina.¹⁴⁰

3.2 MARIA NO TEMPO DO NATAL

No tempo do Natal é recordado a natividade do Senhor, também faz-se memória da maternidade divina. Assim, a Igreja ao adorar o divino Salvador, venera também a sua gloriosa Mãe. As solenidades, festas e memórias marianas ocorrem em harmonia com o único ano do Senhor, do qual recebem todo o seu sentido.

Desse modo, nos tempos do Advento e do Natal, o mistério de Maria está inserido de modo mais orgânico, com mais estreita ligação com o mistério do Filho, isso estende-se às duas festas do Senhor em memória da sua anunciação e da sua apresentação no Templo, nas quais a presença mariana é fundamental. Das três solenidades marianas, excetuando-se a Assunção, duas coincidem com o ciclo do Natal, Imaculada Conceição e Maria Santíssima mãe de Deus, facilitando o seu enquadramento cristológico.¹⁴¹

Na organização do período natalício esta solenidade de Santa Maria Mãe de Deus no dia primeiro de janeiro. Exalta a dignidade de Maria no mistério de salvação ao gerar o salvador, implorando sua intercessão o dom da Paz, pois no ano civil se recorda o dia mundial da paz. Esta solenidade é memória continuada da Maternidade Divina de Maria, por vezes, venerada como Progenitora de Deus (nas Igrejas do Oriente).¹⁴²

O evangelho desta solenidade evoca a oitava de Natal, pois é continuidade do texto da missa da aurora do Natal. Os pastores após terem recebido dos anjos a notícia do nascimento de Jesus, vão ao seu encontro. Ao chegar, deparam-se com o recém-nascido deitado na manjedoura junto a sua mãe. Lira destaca a atitude humilde de Maria,

¹⁴⁰ LIRA, 2018, p. 33.

¹⁴¹ CARPANEDO, 2017, p. 64.

¹⁴² BECKHAUSER, 2017, p. 76.

que sendo mãe de Deus não faz alardes nem comenta com euforia estes fatos, pelo contrário, guarda tudo em seu coração com confiança.¹⁴³

A visita dos magos é marcada pela Epifania do Senhor, na qual é celebrada a vocação universal para a salvação e contempla a presença da Virgem. Maria está como a verdadeira Sede da Sabedoria e verdadeira Mãe do Rei, que apresenta à adoração dos Magos o Redentor de todas as gentes. Desta forma, “ela é protagonista no nascimento de Jesus e, também, na sua manifestação, pois ela mostra Jesus aos pastores (Natal) e aos magos (Epifania)”¹⁴⁴.

Diante destas solenidades é importante mencionar:

A festa da Sagrada Família, Jesus, Maria e José, realizada no primeiro domingo dentro da oitava da Natividade do Senhor. A Igreja considera, venerável, a vida de santidade que levam, na casa de Nazaré, Jesus, Filho de Deus e Filho do homem, Maria, sua Mãe, e José, homem justo.¹⁴⁵

De fato, nas festas e tempo do Natal, o evento central é o nascimento de Jesus em nossa humanidade e sua manifestação a todos os povos. No entanto, sem desmerecer os mistérios do Filho, as celebrações recordam Maria como a Imaculada e Mãe de Deus. É ela quem apresenta Jesus aos pastores e magos, anunciando o menino salvador para o mundo. A Igreja recorda a todos os fiéis a Sagrada Família como exemplo para a caminhada de todos os fiéis.

3.3 MARIA NO TEMPO DA QUARESMA

O tempo da Quaresma é parte do Ciclo da Páscoa. Apresenta-se como momento propício do ano litúrgico para a conversão e retomada da vida interior. Ao longo deste tempo prepara-se a maior solenidade da Igreja, a Santa Páscoa. Maria acompanha a caminhada quaresmal e com ela aprende-se o silêncio necessário para a penitência e escuta do Senhor neste tempo favorável.¹⁴⁶ Certamente, a presença da Virgem na liturgia quaresmal e Pascal não é tão evidente como no Advento e Natal. Está

¹⁴³ LIRA, 2018, p. 43.

¹⁴⁴ CARPANEDO, 2017, p. 65.

¹⁴⁵ PAULO VI, 2016, p. 15; MC 5.

¹⁴⁶ LIRA, 2018, p. 47.

presente de forma sóbria, convidando a Igreja para que caminhe na escuta da Palavra, cumprindo a Palavra de Deus e peregrinando na fé.¹⁴⁷

Neste tempo marcado pela exortação do Batismo e pela penitência, têm-se:

A solenidade da Anunciação do Senhor, embora seja do Filho, remete-se também a Nossa Senhora. Maria é celebrada como festa da nova Eva, virgem obediente e fiel, que, com o seu "fiat" generoso se torna, por obra do Espírito Santo, Mãe de Deus, mas ao mesmo tempo também, Mãe dos viventes, e, ao acolher no seu seio o único Mediador verdadeira Arca da Aliança e verdadeiro Templo de Deus.¹⁴⁸

Esta solenidade é celebrada no dia vinte e cinco de março, porém, ao coincidir com a semana Santa transfere-se para a segunda-feira depois da oitava de Páscoa. Embora não faça parte das três solenidades comemorando os dogmas marianos durante o ano litúrgico, deve-se considerar esta solenidade que é ao mesmo tempo cristológica e mariana. Trata-se da comemoração do verbo, que se torna filho de Maria, por conseguinte, a Virgem, se torna Mãe de Deus.¹⁴⁹ A maternidade divina é realçada como mistério da encarnação, como expressa a oração da coleta desta solenidade:

Ó Deus, quisestes que vosso Verbo se fizesse homem no seio da Virgem Maria; dai-nos participar da divindade do nosso Redentor, que proclamamos verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.¹⁵⁰

Na Anunciação do Senhor Maria é a figura central da cena, pois tudo depende dela. O Anjo aguarda a sua resposta, curva-se diante da

¹⁴⁷ CASTELLANO, Cervera. Virgem Maria. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achile M. (Org.). **Dicionário de Liturgia**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1992. p. 1214-1235. p. cit. 1226.

¹⁴⁸ PAULO VI, 2016, p. 16; MC 6.

¹⁴⁹ BECKHAUSER, 2017, p. 76.

¹⁵⁰ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2010, p. 565.

humanidade. E ela não o deixa esperar por muito tempo, se faz serva estando disponível para a Palavra fazer-se carne. É o mistério de Deus que, na origem do mundo, cria todas as coisas pela sua Palavra, porém escolhe ser dependente da palavra de um simples ser humano, a Virgem Maria.¹⁵¹

Portanto, a solenidade da Anunciação do Senhor, celebrada nesse tempo litúrgico, é ponte entre os mistérios da encarnação do verbo e da redenção que ele realizou. Maria apresenta-se como inspiração para a caminhada de recolhimento e oração. Ela testemunha a vida de discípula que segue os passos do Senhor, acompanhando-o até o sacrifício da cruz.

3.4 MARIA NO TEMPO PASCAL

Este é o tempo mais solene da liturgia, pois Cristo Ressuscitado faz nova toda a humanidade. No ciclo da Páscoa, a presença de Maria é menos evidente que no ciclo do Natal, pois a centralidade está na caminhada Pascal realizada por Cristo. Contudo, a participação da Mãe de Jesus na obra da redenção faz dela uma referência permanente para a vivência da Páscoa, tempo de retomar a adesão a Jesus e de renovar a vida nova da Páscoa conferida aos fiéis pelos sacramentos da iniciação cristã.¹⁵²

A festa da Visitação de Nossa Senhora, por vezes, pode estar inserida no período do Tempo Comum esta festa. Trata-se da visita a sua prima Isabel é celebrada no dia trinta e um de maio e tem por tema o relato bíblico da visita de Maria á sua parenta Isabel depois da Anunciação do Senhor (Lc 1,39-56). Destaca-se aqui o louvor de Maria através do “Magnificat” e também a manifestação vibrante do precursor no ventre de Isabel.¹⁵³

O encontro da Mãe do Senhor com Isabel é marcado pelo serviço de Maria, que coloca-se apressadamente à disposição de auxiliar sua parente. Porém, ao saudar sua prima, é exaltado imediatamente todo o seu valor como mãe do Senhor, assim como as suas virtudes, bendita entre as mulheres.¹⁵⁴

A mãe de Jesus é testemunha autêntica da ressurreição do Senhor. Ela está inserida no mistério Pascal. Sua presença junto à

¹⁵¹ LIRA, 2018, p. 48.

¹⁵² CARPANEDO, 2017, p. 65.

¹⁵³ ADAM, 1982, p. 207.

¹⁵⁴ LIRA, 2018, p. 61.

comunidade cristã nascente é afirmada pelo livro dos Atos dos Apóstolos. Após a ascensão de Jesus, Maria se reúne com as mulheres, os Apóstolos e os irmãos do Senhor no cenáculo (At 1,14). Em comunidade, a Mãe de Jesus espera a vinda do Espírito Santo, o prometido. Ela recebe novamente da unção do Espírito. Maria é a mulher da comunidade Pascal. É testemunha do Ressuscitado e portadora do Espírito. É, portanto, membro da Igreja e presença em Pentecostes.

3.5 MARIA NO TEMPO COMUM

O Tempo Comum intercala os dois grandes mistérios da vida de Jesus, sua encarnação celebrada no Ciclo do Natal, e sua redenção celebrada no Ciclo da Páscoa. Neste tempo celebra-se o cotidiano da Igreja, como ressonância dos tempos fortes do Natal e Páscoa. Frequentemente ao longo deste Tempo Comum aparecem às celebrações da Virgem Maria, sejam em graus de memórias, festas ou solenidades.

Ocorrem duas solenidades marianas no Tempo Comum, que é a Assunção de Maria e, no Brasil, comemora-se a solenidade de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do país. Cita-se ainda a festa Natividade de Maria e a festa da Apresentação do Senhor, além de diversas comemorações referente a títulos particulares que alcançaram prestígio e devoção eclesial. Além dessas, ocorrem ainda as seguintes memórias: Nossa Senhora de Lourdes, Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora Rainha, Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora do Rosário e a apresentação de Maria no Templo.¹⁵⁵

3.5.1 Festas e solenidades de Nossa Senhora no Tempo Comum

Primeiramente a festa que se celebra a dois de fevereiro era conhecida pelo título de Purificação da Bem-aventurada Virgem Maria. Após a reforma foi denominada Apresentação do Senhor. Ela possui um riquíssimo conteúdo, pois:

Nela se evoca, de fato, a memória, ao mesmo tempo, do Filho e da Mãe, quer dizer, é a celebração de um mistério da Salvação operado por Cristo, em que a Virgem Santíssima esteve a Ele intimamente unida, como Mãe do Servo

¹⁵⁵ CARPANEDO, 2017, p. 67.

sofredor e como exemplo do novo Povo de Deus.¹⁵⁶

Jesus, ao nascer estava submetido lei. Por isso, foi levado a Jerusalém, cumprindo as determinações de purificação e apresentação do primogênito homem, ofertando ao Senhor o sacrifício de duas pombas.¹⁵⁷ É nesta apresentação que os profetas Simeão e Ana, como sinal do povo que vem ao encontro do seu Salvador, profetizam que o menino é luz das nações e glória de Israel, mas também sinal de contradição. Uma espada de dor que lhe transpassará o coração é predito à Maria, ou seja, anuncio da oblação, perfeita e única, da cruz, que dará a salvação que Deus preparou para todos os povos.¹⁵⁸

A apresentação de Jesus no Templo não é só um mistério de alegria, mas, também doloroso diante da profecia dirigida a Maria. Ela apresenta a Deus o seu filho Jesus, oferece-o a Ele e toda oferta consiste em renunciar algo. “Começa, assim, o mistério de seu sofrimento, que atingirá o cume aos pés da cruz. A cruz é a espada que transpassará a sua alma”.¹⁵⁹

No dia quinze de agosto se comemora a solenidade da Assunção de Nossa Senhora, a maior solenidade da Bem-Aventurada Virgem Maria. Ela foi assunta aos céus em corpo e alma, pois “aquela que trouxe em seu ventre o próprio Autor da vida e sendo concebida sem o pecado original, em previsão dos méritos de Cristo, não poderia sofrer a corrupção da sepultura”.¹⁶⁰

Este dia é, portanto, a Páscoa da Mãe do Senhor e nossa Mãe do céu. Assim como são os começos da existência de Maria, também seu fim terreno está santificado por um ato divino, Maria foi assunta à glória celestial de corpo e alma, depois de completada a carreira terrena. Por vezes, no Oriente, esta solenidade é conhecida por “Dormição de Santa Maria”.¹⁶¹

A *Marialis Cultus* denomina esta solenidade mariana como a “festa do seu destino de plenitude e de bem-aventurança, da glorificação da sua alma imaculada e do seu corpo virginal, da sua perfeita

¹⁵⁶ PAULO VI, 2016, p. 17; MC 7.

¹⁵⁷ LIRA, 2018, p. 71.

¹⁵⁸ MOREIRA, Francisco A. M. **Festas Litúrgicas de Jesus e Maria**. São Paulo: Loyola, 2003. p. 49.

¹⁵⁹ LIRA, 2018, p. 71.

¹⁶⁰ LIRA, 2018, p. 85.

¹⁶¹ MÜLLER, 2001, p. 169.

configuração com Cristo Ressuscitado”.¹⁶² Desse modo, é apresentado a todos os cristãos o consolo e esperança final da ressurreição, ou seja, a mesma glorificação plena que Maria experimentou é destinada a todos os homens.

Esta solenidade adquiriu significado especial com a definição dogmática da Assunção corporal de Maria aos céus, pelo papa Pio XII em primeiro de novembro de 1950.¹⁶³ A constituição dogmática *Lumen Gentium*, que dedica o capítulo VIII à Virgem, afirma Maria como discípula fiel e acima de tudo mãe de todos os cristãos:

Esta maternidade de Maria na economia da graça perdura sem interrupção, desde o consentimento, que fielmente deu na anunciação e que manteve inabalável junto à cruz, até à consumação eterna de todos os eleitos. De facto, depois de elevada ao céu, não abandonou esta missão salvadora, mas, com a sua multiforme intercessão, continua a alcançar-nos os dons da salvação eterna.¹⁶⁴

Portanto, Maria assunta aos céus é a primeira redimida e elevada a gozar da plenitude e das glórias de seu Filho. Ela no céu cuida, com amor materno, dos irmãos de seu Filho que, entre perigos e angústias, fazem sua caminha terrena.

Ressalta-se também a atribuição de uma festa ao nascimento da mãe do Redentor. Partindo da data comemorada a Imaculada Conceição, retrocede-se nove meses, chegando a oito de setembro onde se comemora a Festa da Natividade de Nossa Senhora.¹⁶⁵ Ao celebrar o nascimento de Nossa Senhora, volta-se o olhar para a sua maternidade divina e para o nascimento de seu Filho. O nascimento da Maria foi para o mundo inteiro esperança de vida e a aurora da salvação ao gerar o Salvador.¹⁶⁶

Esta festa, segundo Lira, deve impulsionar os fiéis para uma nova esperança, neste mundo tão conturbado pelo desamor que acarreta guerras, falta de respeito, mortes, indiferenças, consumismo, secularismo. Um nascimento é sempre sinal de vida nova, de algo que

¹⁶² PAULO VI, 2016, p. 16; MC 6.

¹⁶³ ADAM, 1982, p. 208.

¹⁶⁴ CONCÍLIO VATICANO II, 1962, p. 189; LG 62.

¹⁶⁵ LIRA, 2018, p. 92.

¹⁶⁶ ADAM, 1982, p. 211.

vai ser reconstruído. É neste sentido que celebra-se sua natividade, pois Maria é a porta da salvação e o seu sim incondicional reconquistou para nós o paraíso perdido. A origem desta festa está ligada a dedicação da Igreja da natividade de Maria em Jerusalém, celebrada desde o século V em todo o Oriente.¹⁶⁷

3.5.4 Memórias marianas obrigatórias

O calendário Romano apresenta diversas memórias que honram Maria, algumas obrigatórias, outras facultativas. Inspira-se em momentos importantes da vida de Maria, ideias teológicas ou em lugares venerados pelos fiéis.

A solenidade da Assunção prolonga-se de maneira festiva na celebração da Realeza da bem-aventurada Virgem Maria, a memória de Nossa Senhora Rainha. Ocorrendo oito dias mais tarde, nela se contempla aquela que, sentada ao lado do Rei dos Séculos, resplandece como Rainha e intercede como Mãe.¹⁶⁸ Esta festa foi instituída no ano de 1964 pelo Papa Pio XII. Em 1955 definiu-se para o dia trinta e um de maio paralela a festa de Cristo Rei.

Embora Maria tenha sido vista e venerada como Rainha dos Anjos e dos Santos já desde a Idade Média, atestado por diversas orações e hinos datados deste período, somente no século XIX é que surgiram celebrações festivas particulares no aspecto de Maria como Rainha dos céus e da terra, finalizando a oitava da sua Assunção e unida a realeza do Filho.¹⁶⁹

A recentemente memória instituída pelo Papa Francisco através do decreto *Ecclesia Mater*, refere-se a como Maria Mãe da Igreja:

A feliz veneração em honra à Mãe de Deus da Igreja contemporânea, à luz das reflexões sobre o mistério de Cristo e sobre a sua própria natureza, não poderia esquecer aquela figura de Mulher (cf. Gal. 4,4), a Virgem Maria, que é Mãe de Cristo e com Ele Mãe da Igreja.¹⁷⁰

¹⁶⁷ CASTELLANO, 1992, p. 1229.

¹⁶⁸ PAULO VI, 2016, p. 16; MC 6.

¹⁶⁹ ADAM, 1982, p. 213.

¹⁷⁰ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Decreto Sobre a celebração da Bem-Aventura Virgem**

Este título Nossa Senhora Mãe da Igreja não se encontra na Bíblia, nem foi definido como dogma. Porém, toda a Igreja, desde os tempos primeiros, lhe consagra a devoção de Mãe. O mérito desse título começou a enraizar-se com a anunciação do Anjo Gabriel e com a encarnação do Filho de Deus. Completando-se em Pentecostes, quando o Divino Paráclito baixou sobre os apóstolos e os discípulos reunidos no Templo na companhia de Maria Santíssima.¹⁷¹ Por isso, a memória de Maria como Mãe da Igreja, foi inscrita no calendário litúrgico na segunda-feira depois do Pentecostes.

Sua menção como Mãe da Igreja é recordada na *Marialis Cultus* ao mencionar os textos eucológicos do Missal com o tema Maria-Igreja, variando em aspectos, mas relacionando Mãe de Cristo e a Igreja. Esses textos veem na Virgem a:

Conceição sem mácula da Virgem Maria o primórdio da Igreja, também ela, "Esposa sem mancha" de Cristo; na Assunção reconhecem o início já realizado e a imagem daquilo que, para a Igreja inteira, deve realizar-se ainda; no mistério da Maternidade confessam ser ela Mãe da Cabeça e dos membros: Santa Mãe de Deus, pois, é também Mãe da Igreja.¹⁷²

Desse modo, a Virgem Maria é reconhecida e honrada como a verdadeira Mãe de Deus e do Redentor. Ela é também verdadeiramente Mãe de todos aqueles que são membros de Cristo, pois cooperou pela caridade para que na Igreja nascessem os fiéis que são os membros desta cabeça. Maria é Mãe de Cristo, Mãe dos homens e mulheres, é Mãe da Igreja.¹⁷³

A memória de Nossa Senhora das Dores atualmente ocorre após a festa da exaltação da Santa Cruz no dia quinze de setembro. Junto ao calvário de Jesus Cristo Salvador está Maria, compadecida, sofrendo

Maria Mãe da Igreja no Calendário Romano Geral. Vaticano: 2018. Não paginado; Disponível em: < <http://press.vatican.va/content/salastampa/it/bolletti-bollettino/pubblico/2018/03/03/0168/00350.html#portD>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

¹⁷¹ MOREIRA, 2003, p. 155.

¹⁷² PAULO VI, 2016, p. 19; MC 11.

¹⁷³ MOREIRA, 2003, p. 155.

junto a Ele, e como a nova Eva obediente até o fim ao sim dado a Deus. Aos pés da cruz foi dada por mãe a toda humanidade, doada à Igreja como um dos primeiros frutos de sua paixão. Nossa Senhora das Dores é contemplada ainda pelos títulos de Soledade e Piedade.¹⁷⁴

Em sete de outubro têm-se a memória de Nossa Senhora do Rosário, que foi amplamente difundida pelas confrarias do Rosário, nos séculos XV e XVI, fazendo parte da pré-história da “festa do Rosário”. Encontra-se um testemunho de uma festa do Rosário celebrado na Espanha no terceiro domingo de abril, já no ano 1547. Esta memória busca indicar o caminho da Virgem através dos mistérios gozosos, dolorosos e gloriosos vividos por Cristo.¹⁷⁵

A memória da Apresentação de Nossa Senhora, no dia vinte um de novembro, rememora a apresentação de Maria no templo, assim como Jesus foi apresentado no Templo, os pais da Virgem Maria, Joaquim e Ana, levaram-na ao sacerdote para consagrá-lo ao Senhor. Esta memória é inspirada em um escrito apócrifo e tem como conteúdo essencial a alegria da filha de Sião que se consagra ao Senhor.¹⁷⁶

3.5.3 Memórias facultativas de Nossa Senhora

De modo breve, mas fundamental, por primeiro relatou-se as memórias marianas no calendário litúrgico. Destaca-se agora as memórias não obrigatórias dedicadas a Mãe de Deus.

Inicialmente, destaca-se a Memória do Imaculado Coração de Maria. Esta memória é celebrada no sábado que segue à solenidade anual do Coração de Jesus, no entanto, se coincidir com a memória de São João Batista, ela é suprimida. “É uma festa móvel, pois sua marcação se dá de acordo com a solenidade anual da Páscoa do Senhor, ou seja, na sexta-feira da semana seguinte à solenidade do Corpo e Sangue de Cristo”.¹⁷⁷

A oração do dia desta memória insere os fiéis no clima da celebração:

Ó Deus que preparastes morada digna do Espírito Santo no Imaculado Coração de Maria, concedei

¹⁷⁴ CASTELLANO, 1992, p. 1230.

¹⁷⁵ ADAM, 1982, p. 215.

¹⁷⁶ CASTELLANO, 1992, p. 1230.

¹⁷⁷ LIRA, 2018, p. 90.

que, por sua intercessão, tornemo-nos um templo da vossa glória. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.¹⁷⁸

Conforme Moreira, a devoção ao coração puríssimo, santíssimo e sagrado de Maria é tradição antiga. A expressão “Coração Imaculado” foi divulgada depois da definição do dogma da Imaculada Conceição no ano de 1854, pelo Papa Pio IX através da bula *Inefabillis Deus, sendo* fortalecida pelas aparições da Virgem Maria, em Fátima, na Cova da Iria, em Portugal.¹⁷⁹

O autor Adam, apresenta com raiz desta memória a devoção particular as dores da mãe de Deus, propagada durante a Idade Média, especialmente na Alemanha. Já em 1943 há sinais do decreto de uma festa desta natureza, fixando-a na sexta-feira depois da Páscoa. Em 1721, Bento XIII estendeu-a a toda a Igreja, sob o título de “Festa das Sete Dores da Bem-aventurada Virgem Maria”, pondo-a na sexta-feira que precede o Domingo de Ramos, a fim de mostrar, assim, mais claramente a sua ligação com a Paixão de seu Filho.¹⁸⁰

A memória de Nossa Senhora do Carmo é celebrada no dia dezesseis de julho. Elevada por São João Paulo II ao grau de festa acontece nesta data para recordar que, segundo as tradições carmelitas, o primeiro padre geral da Ordem, São Simão Stock, recebeu das mãos de Maria Imaculada, o escapulário sagrado. Nas aparições de Lourdes, Nossa Senhora escolheu o dia dezesseis de julho para a sua última saudação a Bernadete.¹⁸¹

Destaca-se ainda as memórias facultativas de Nossa Senhora de Lourdes e Nossa Senhora de Fátima. Ambas tratam de aparições de Nossa Senhora reveladas a videntes. A primeira aparição com a vidente Bernadete, em 1858, nela as palavras da Virgem, a história de piedade e de consolação, oferecem a possibilidade de Maria como sinal divino e remédio para os doentes.¹⁸² A segunda manifestação se dá a três crianças pastorinhas. A festa de Nossa Senhora de Fátima foi fixada no sábado

¹⁷⁸ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2010, p. 586.

¹⁷⁹ MOREIRA, 2003, p. 183.

¹⁸⁰ ADAM, 1982, p. 214.

¹⁸¹ LIRA, 2018, p. 79.

¹⁸² CASTELLANO, 1992, p. 1229.

depois da festa do Sagrado Coração, coincidindo com o Imaculado Coração de Maria.¹⁸³

Interessante é a memória atribuída a um espaço sagrado dedicado a Virgem Maria. A memória da dedicação da Basílica Santa Maria Maior é importante no calendário litúrgico relacionado à Virgem, porém, é facultativa. Ocorre no dia cinco de agosto, data que foi marcado por um sinal divino, pois sendo pleno verão caiu neve na cidade de Roma.¹⁸⁴

A basílica é quase uma réplica da basílica da Natividade. Foi dedicada (consagrada) nos meados do séculos IV pelo Papa Libério, movido por esta miraculosa queda de neve no verão. Provém daí a invocação da mãe de Jesus com o seguinte título:

Nossa Senhora das Neves, é chamada ainda de Basílica Liberiana. É a maior igreja mariana de Roma. Juntamente com a Basílica de São Pedro, no Vaticano, a de São João de Latrão, catedral de Roma, e a de São Paulo Fora dos Muros, forma o conjunto das quatro basílicas maiores do mundo.¹⁸⁵

Também no Brasil destaca-se a Basílica dedicada a devoção de Nossa Senhora Aparecida. Sua aparição através de uma imagem milagrosa no Rio Paraíba em 1917 faz nascer devoção a Nossa Senhora da Conceição Aparecida, cuja imagem até hoje muito venerada. Sua solenidade é celebrada no dia doze de outubro.¹⁸⁶

A devoção cresceu e se expandiu pelo Brasil inteiro, destacando-se os inúmeros milagres e a construção da monumental Basílica de Aparecida, que, em quatro de Julho de 1980 foi consagrada pelo Papa João Paulo II e acolhe, por ano, oito milhões de romeiros, que acorrem á Senhora Aparecida para lhe pedir bênçãos e graças e para lhe agradecer os favores e milagres recebidos.¹⁸⁷

Enfim, após considerar o desenvolvimento do ano litúrgico em seus diversos aspectos, destacando o Ciclo do Natal, o Ciclo da Páscoa e do Tempo Comum, identificou-se a importante presença do culto a

¹⁸³ ADAM, 1982, p. 212.

¹⁸⁴ LIRA, 2018, p. 83.

¹⁸⁵ LIRA, 2018, p. 84.

¹⁸⁶ MOREIRA, 2003, p. 243.

¹⁸⁷ MOREIRA, 2003, p. 244-245.

Virgem Maria. Ao decorrer do Ano reza-se os mistérios de Cristo de forma que as celebrações marianas sejam sempre cristológicas.

A devoção mariana, embora de cunho cristocêntrico, assume aspectos que lhe são próprios. Em sintonia com o plano salvífico do Pai e disponível ao Espírito Santo, Maria apresenta-se como modelo de discípula e santidade. Ela é caminho seguro de abertura ao outro, de diálogo fraterno; é Mãe do filho de Deus, redentor de todos os homens.

Diante disso, apresentou-se as muitas memórias, festas e solenidades dedicadas a Virgem Maria. Ao longo do ano litúrgico a presença do culto mariano é destacada pelos diversos títulos e manifestações litúrgicas dedicadas a ela. Nas celebrações a Igreja ao adorar o divino Salvador, venera também a sua gloriosa Mãe. Desse modo, ela é a Conceição Imaculada, templo do Espírito Santo, cooperadora na obra do Filho e caminho de santidade exemplar para todos os fiéis. Maria é ainda a intercessora misericordiosa, assunta ao céu, rainha materna que conduz os cristãos a salvação.

CONSIDERAÇÕES

Ao longo desta pesquisa compreende-se que a presença da Virgem Maria no decorrer do ano litúrgico é proposta pela Igreja como caminho eficaz de evangelização. Maria em sua vida aderiu totalmente e de forma responsável à vontade de Deus, também soube acolher a sua palavra e colocá-la em prática. Suas ações marcadas pela caridade e pelo serviço fazem-na um exemplo seguro de discípulo, pois ela é a primeira e mais perfeita discípula de Jesus.

Dessa forma, identificou-se a presença da Virgem através das suas comemorações inseridas no calendário do ano litúrgico. A maior ênfase é encontrada no Tempo Comum com diversas memórias obrigatórias e facultativas. O Ciclo do Natal é voltado para o mistério da encarnação do Salvador, mas a participação da Virgem é fundamental para a realização no plano salvífico. No Ciclo Pascal Maria assume uma postura mais silenciosa e contemplativa, porém, acompanha seu filho em todos os momentos e também está junto da caminhada da Igreja nascente após a ascensão do Senhor.

Destacou-se ainda as festas e solenidades, celebradas com maior grau litúrgico, que veneram à Virgem Maria e suas virtudes. São quatro as solenidades na liturgia da Igreja, a solenidade da Mãe de Deus, da Anunciação do Senhor, da Assunção e da Imaculada Conceição. Desse modo, são muitas as celebrações que se referem à Maria devido a sua participação efetiva na vida de Jesus e na história salvífica, porém, seu culto não deve acontecer de forma desordenada e sem critérios.

Assim, as características e orientações do magistério para um autêntico culto mariano foram demonstradas de forma a instruir todos os que são responsáveis em promover o culto mariano. De fato, o culto a Maria desenvolve uma prática que contribui na construção do Reino e para que isso ocorra de forma mais correta o magistério da Igreja propôs critérios essenciais para aperfeiçoar esta devoção.

Essas orientações estão principalmente nos documentos *Marialis Cultus e Redemptoris Mater*. Constantemente é reiterado que o culto à Virgem Maria deve ter por fim último a glorificação de Deus através de seu filho Jesus Cristo. Ao apontar o Cristo, ela conduz todos os cristãos a imitarem os gestos de Jesus, isto é, a veneração mariana deve sempre ser cristológica. A devoção e celebrações marianas são fortalecidas pela relação que existe entre Cristo e sua mãe, de certo modo, os mistérios da Virgem, são os mistérios de Cristo, pois ela vive d'Ele e para Ele.

Além do caráter cristológico tem-se a característica Trinitária ao abordar o culto mariano na liturgia. A graça, comunicada por Maria, não

tem origem em sim mesma. Maria Santíssima, plena do Espírito Santo desde sua concepção, foi também sua esposa ao conceber o menino Jesus. Também recebe o Santo Espírito no dia de Pentecostes e acompanha a Igreja nascente. O que se encontra em Maria vem de Deus e para Deus se volta. Portanto, as orações dirigidas a Maria devem ser em honra a Deus Trindade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Demonstrou-se também que a fundamentação bíblica da veneração dirigida a Maria tornará sólida a fé nos valores a ela atribuídos. Em muitos relatos bíblicos tem-se a presença da Santa Virgem. Em Mateus Maria é a mãe virginal do Messias; em Lucas é a mulher iluminada pelo Espírito Santo, discípula que ouve, acolhe, medita e realiza a Palavra de Deus. O evangelista João a apresenta como intercessora que sabe a quem recorrer nas maiores necessidades.

Salientou-se ainda as duas orientações a respeito do ecumenismo e dos exercícios piedosos. Hoje os cristãos possuem divergências de culto e doutrina, muitas delas relacionadas à Virgem Maria, mas isso não impede os esforços de todos para a almejada unidade. Sabiamente o Papa Paulo VI aponta a Virgem Maria como caminho de unidade, pois muitos irmãos de outras Igrejas Cristãs reconhecem sua maternidade divina, assim, ao aproximar-se das virtudes de Cristo também aproxima-se das virtudes de sua mãe. Desse modo, fazer a vontade de Deus é abrir-se também para o diálogo ecumênico, que encontra em Maria, mãe da humanidade, caminho para a conquista da unidade entre seus filhos.

A segunda orientação é de cunho pastoral e essencial para a organização dos exercícios piedosos. Os mais relevantes e recomendados pela Igreja são o santo Rosário e a oração do “*Ângelus*”, porém, são muitas as devoções atribuídas a Virgem Maria. Certo é que todos os exercícios piedosos devem levar em consideração os tempos litúrgicos, de maneira que se harmonizem com a sagrada Liturgia. Afinal dela derivam e para ela devem direcionar o povo cristão.

No Rosário, ao rezar as Ave-Marias, encontra-se caminho fácil para um conhecimento profundo e empenhado de Cristo. Maria é caminho como mulher exemplar na fé, no silêncio e na escuta. Recordar o mistério da Encarnação rezando as palavras do Anjo é saudar Maria reconhecendo nela sua santidade exemplar. Ela viveu como ninguém as bem-aventuranças de Jesus, conservando tudo no seu coração e deixou-se transpassar pela espada do calvário. É a maior entre os santos. Dessa forma, mostra aos cristãos o caminho da santidade e os acompanha na caminhada e para os que caem é consolo e libertação.

De fato, Maria se destaca de tal modo em seu exemplo de vida que os mistérios do Filho são descobertos também através da

contemplação de sua mãe. Para que isso de fato aconteça é necessário observar fielmente as características fundamentais atribuídas pela Igreja. Afinal, o culto mariano não consiste em emoção estéril e passageira, mas nasce da fé, tão presente no exercício do rosário e da saudação angélica. Toda ação de oração mariana promove o reconhecimento da grandeza da Mãe de Deus e incita todos a amá-la filialmente, inclusive, a imitar as suas virtudes.

Após demonstrar a presença da Virgem Maria em cada tempo sagrado do ano litúrgico e também de caracterizar o culto mariano, apresentou-se as celebrações da Virgem Maria no Tempo Pascal, do Advento, do Natal, da Quaresma e no Tempo Comum. Em todas estas celebrações o centro sempre será o Cristo que redimiu e salvou o seu povo. Entretanto, as festas, solenidades e memórias, cada uma ao seu modo, buscam também destacar o papel de Maria na vida de Jesus e nos planos salvíficos de Deus.

Dessa forma, Maria é exaltada através de muitos títulos destacando-se as celebrações que lhe atribuem méritos oferecidos por Deus. Ela é a Imaculada que foi preservada de toda culpa e pecado, roga-se assim que cada um dos fiéis possa ser livrado do pecado pela constante intercessão da mãe. Além disso, tem-se a festa da Assunção que remetendo-se ao privilégio de Maria em antecipar sua vivência no reino celeste. Nela ocorreu o que se espera de todo ser humano, o encontro com o Senhor Ressuscitado no seu Reino.

Na prática pastoral são muitos os desafios em relação ao culto mariano e os exercícios de piedade. Alguns cristãos não reconhecem o culto mariano como instrumento de fé e evangelização. Por outro lado, a mistura sem critérios dos exercícios de piedade e atos litúrgicos acabam por desvirtuar a centralidade do Cristo para a comunidade cristã. Diante disso, o Concílio Vaticano II exorta que estes cultos não sejam suprimidos, pelo contrário, que a saída para o perfeito culto a Virgem acontecerá com a sua correta adequação e a conciliação com a liturgia.

A orientação do magistério é de que se harmonize o culto mariano e a liturgia. Dessa forma, saibam distinguir e acentuar a natureza própria dos atos litúrgicos; e por outro lado, valorizando os atos piedosos, os tenha como instrumentos que auxiliam a ação litúrgica.

Na busca de compreender o lugar da Virgem Maria no ano litúrgico há ainda muitos aprofundamentos a serem feitos, pois, a liturgia e a mariologia são áreas de grande concentração teológica e multitemáticas. Por isso, esta pesquisa foi importante para entender a importância do culto mariano ao longo da ação litúrgica da Igreja, suas principais características e celebrações em cada tempo litúrgico.

Por vezes, Maria é compreendida de forma secundária na caminhada da Igreja. Pelo contrário, ela é a mulher que acolhe a Palavra de Deus com fé, e com fé concebe o Filho de Deus. Maria sabe ouvir porque sabe silenciar e aprofundar a Palavra de Deus que cai em seu coração, em sua mente e em sua vida. As manifestações a ela atribuídas são caracterizadas do sagrado.

Dessa forma, há um importante valor teológico no culto à Santíssima Virgem que deve ser retomado. As expressões de fé e veneração, as súplicas e agradecimentos a ela dedicados tem sua origem na Palavra de Deus que revelou a dignidade de Maria. Ela é honrada como mãe do Senhor e Mãe de Deus superando todos os seres humanos. Maria é a cheia de graça presente na vida do Filho e que de forma eficaz tornou presente aos homens a alegria da fidelidade ao Cristo. A veneração da Virgem Maria deve ser celebrada com profunda piedade, mas também com absoluta verdade e grande beleza.

Assunta no céu, a mãe de Jesus continua muito próxima de todos os fiéis que a invocam. A presença da Virgem Maria no ano litúrgico é fundamental, pois Deus a amou e a deu para todos os homens e mulheres como Mãe. Seu testemunho é excepcional, portanto, é referência para a Igreja, para as comunidades, para os povos e para as nações que se deixam mergulhar na história da salvação e mistérios cristãos.

REFERÊNCIAS

ADAM, A. **O ano litúrgico**. Sua história e seu significado segundo a renovação litúrgica. São Paulo: Paulinas, 1982.

BERGAMINI, A. Ano Litúrgico. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achile M. (Org.). **Dicionário de Liturgia**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1992.

BECKHAUSER, Alberto. Maria nos textos eucológicos. In: GUIMARÃES, Valdivino (Org.). **Maria na liturgia e na piedade popular**. São Paulo: Paulus, 2017.

_____. **Viver em Cristo**: espiritualidade do ano litúrgico. Petrópolis: Vozes, 1992.

BOFF, Lina. Resgatar a humanidade de Maria como profetisa é colocar as grandes questões do feminino. In: GUIMARÃES, Valdivino (Org.). **Maria na liturgia e na piedade popular**. São Paulo: Paulus, 2017.

_____. Maria no contexto da evangelização da Igreja à luz do Vaticano II. In: GUIMARÃES, Valdivino (Org.). **Maria na liturgia e na piedade popular**. São Paulo: Paulus, 2017.

CARPANEDO, Penha. A mãe do Senhor no Ano Litúrgico. In: GUIMARÃES, Valdivino (Org.). **Maria na liturgia e na piedade popular**. São Paulo: Paulus, 2017.

CASTELLANO, Cervera. Virgem Maria. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achile M. (Org.). **Dicionário de Liturgia**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1992.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. **Constituição Dogmática *Lumen Gentium***. In: COSTA, Lourenço (Org.). Documentos do Concílio Vaticano II (1962-1965). São Paulo: Paulus, 1997.

_____, 1962-1965, Vaticano. **Constituição Dogmática *Sacrosanctum Concilium***. In: COSTA, Lourenço (Org.). Documentos do Concílio Vaticano II (1962-1965). São Paulo: Paulus, 1997.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). Manual de liturgia IV: a celebração do mistério pascal. São Paulo: Paulus, 2007.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Decreto Sobre a celebração da Bem-Aventura Virgem Maria Mãe da Igreja no Calendário Romano Geral**. Vaticano: 2018. Não paginado; Disponível em: < <http://press.vatican.vaccontent/salastampa/it/bollettibollettino/pubblico/2018/03/03/0168/00350.html#portD> >. Acesso em: 20 jun. 2019.

_____. **Missal Romano**. 14. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

DERETTI, Edson A. **O ano litúrgico e as suas principais celebrações**: subsídio para coroinhas, acólitos, cerimoniários e demais fiéis celebrantes. São Paulo: Paulus, 2019.

FRANCISCO. **Exortação apostólica *Evangelii Gaudium***. São Paulo: Paulinas, 2014.

GOEDERT, Válter. M. **A constituição litúrgica do Concílio Vaticano II**. A *Sacrossanctum Concilium* a seu alcance. São Paulo: Ave-Maria, 2013..

JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica *Dies Domini***. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 11; DD 8.

_____. **Carta Encíclica *Redemptoris Mater***: sobre a bem-aventurada Virgem Maria na vida da Igreja que está a caminho. Brasília: CNBB, 2016.

_____. **Exortação Apostólica *Rosarium Virginis Marie***: sobre a oração do santo rosário. Brasília: CNBB, 2016.

LIRA, Bruno C. **A Virgem Maria no Ano Litúrgico**. São Paulo: Paulinas, 2018.

MARSILI, S. **Sinais do mistério de Cristo**. Teologia litúrgica dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico. São Paulo: Paulinas, 2009.

MURAD, Afonso. **Maria toda de Deus e tão humana**. São Paulo: Paulinas; Santuário, 2012.

MOREIRA, Francisco A. M. **Festas Litúrgicas de Jesus e Maria**. São Paulo: Loyola, 2003.

PAULO VI. **Exortação Apostólica *Marialis Cultus***: sobre o desenvolvimento do culto à bem-aventurada Virgem Maria. Brasília: CNBB, 2016.

_____. **Exortação Apostólica *Signum Magnum***: sobre a consagração ao culto da Virgem Maria Mãe da Igreja e modelo de todas as virtudes. Brasília: CNBB, 2016.

_____. **Decreto *Unitatis Redintegratio* sobre o ecumenismo**. Vaticano: 1964. Não paginado. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_decree_19641121_unitatis-redintegratio_po.html>. Acesso em: 20 jun. 2019.

PEDICO, Marcellina. Catequese. In: FIORES, Stefano; MEO, Salvatore. (Orgs.). **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995.

ROSSO, Stefano. Ano Litúrgico. In: FIORES, Stefano; MEO, Salvatore. (Orgs.). **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995.

APÊNDICE A – Quadros

Quadro 1 – Tabela dos dias litúrgicos segundo sua ordem de precedência.

I
1. Tríduo Pascal da Paixão e Ressureição do Senhor.
2. Natal do Senhor, Epifania, Ascensão e Pentecostes. Domingo do Advento, da Quaresma e da Páscoa. Quarta-feira de Cinzas. Dias de semana da Semana Santa, de Segunda a Quinta-feira inclusive. Dias dentro da oitava da Páscoa;
3. Solenidade do Senhor, da Bem-aventurada Virgem Maria e dos Santos inscritos no calendário geral. Comemoração de todos os fiéis defuntos.
4. Solenidades próprias, a saber: a) Solenidade do Padroeiro principal do lugar ou da cidade. b) Solenidade da Dedicção e do aniversário de Dedicção da igreja própria. c) Solenidade do Titular da igreja própria. d) Solenidade do Titular, do Fundador, ou do Padroeiro principal da Ordem ou Congregação.
II
5. Festas do Senhor inscritas no calendário geral.
6. Domingos do Tempo do Natal e domingos do Tempo comum.
7. Festas da Bem-aventurada Virgem Maria e dos Santos do Calendário geral.
8. Festas próprias, a saber: a) Festa do Padroeiro principal da diocese. b) Festa do aniversário de Dedicção da igreja catedral. c) Festa do Padroeiro principal da região ou província, da nação ou de um território mais amplo. d) Festa do Titular, do Fundador, do Padroeiro principal da Ordem ou Congregação e da província religiosa, salvo o prescrito no n. 4. e) Outras festas próprias de uma Igreja. f) Outras festas inscritas no Calendário de alguma diocese ou Ordem ou Congregação.
9. Os dias de semana do Advento, de 17 a 24 de dezembro inclusive. Dias dentro da oitava do Natal. Dias de Semana da Quaresma.
III
10. Memórias obrigatórias do calendário geral.

<p>11. Memórias obrigatórias próprias, a saber:</p> <p>a) Memória do Padroeiro secundário do lugar, da diocese, da região ou da província religiosa.</p> <p>b) Outras memórias obrigatórias inscritas no calendário de uma diocese, Ordem ou Congregação.</p>
<p>12. Memórias facultativas, que podem, contudo, ser celebradas também nos dias de que fala o n. 9, segundo o modo descrito nas Instruções gerais sobre o Missal Romano e a Liturgia das Horas. Do mesmo modo, as memórias obrigatórias, que por acaso ocorram nos dias de semana da Quaresma, poderão ser celebradas como memórias facultativas.</p>
<p>13. Os dias de semana do Advento até o dia 16 de dezembro inclusive. Os dias de semana do Tempo do Natal, do dia 2 de janeiro até o sábado depois da Epifania. Os dias de semana do Tempo pascal, de segunda-feira depois da oitava da Páscoa até ao sábado antes de Pentecostes inclusive. Os dia de semana do Tempo comum.</p>

Fonte: CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Missal Romano**. 14. ed. São Paulo: Paulus, 2010. p. 47.

Quadro 2 – Solenidades e festas do Senhor que precedem o Domingo.

Domingo dentro da oitava do Natal do Senhor, celebra-se a festa da Sagrada Família.
Domingo depois do dia 6 de janeiro, celebra-se a festa do Batismo do Senhor.
Domingo depois de Pentecostes, celebra-se a solenidade da Santíssima Trindade.
Último domingo do Tempo Comum, celebra-se a solenidade de Jesus Cristo, Rei do Universo.

Fonte: CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Missal Romano**. 14. ed. São Paulo: Paulus, 2010. p. 32.

